ILUSTRAÇÃO

N.º 280 — 12.º ano

16-AGOSTO-1937

PREÇO - 5 escudos

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

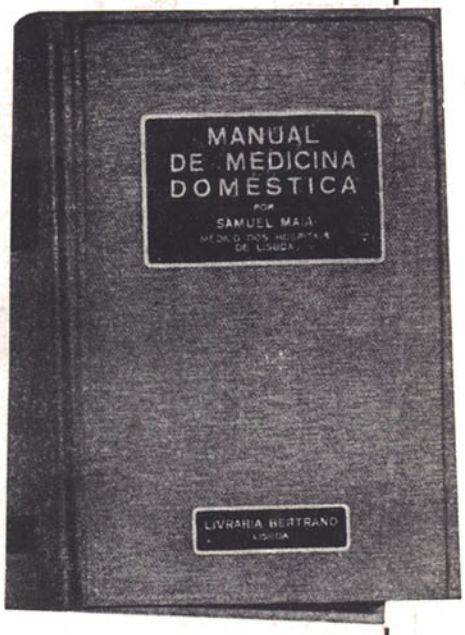
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica,** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestàvelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre,** qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sôbre enfermagem,** mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, como no interior e **sempre que seja preciso actuar imediatamente**, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

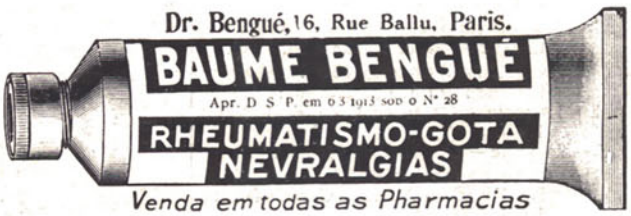
Uma chavena d'

'OVOMALTINE'

pela manhã
dá energias para um
dia de trabalho
ao deitar
assegura um sono
tranquilo e natural.

À venda em todas as Farmácias, Drogarias e Mercearias em 1/1, 1/2 e 1/4 de lata
DR. A. WANDER S. A. — BERNE
ÚNICOS CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL
ALVES & C.ª (IRMÃOS) — RUA DOS CORREEIROS, 41-2.º — LISBOA

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.



Venda em todas as Pharmacias

À VENDA
o 5.º volume

CAMÕES LÍRICO
(CANÇÕES)

PELO DR. **AGOSTINHO DE CAMPOS**

Este volume completa a obra **Camões Lírico**, da Antologia Portuguesa

1 vol. de 320 págs. broch. ..... **12$00**
Pelo correio à cobrança ..... **14$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

PORQUE RAZÃO OS Homens de Negócios Preferem As LOURAS

Um fracasso para o orgulho das Morenas

«Eu não escolheria uma rapariga apenas por ser loura», declara um conhecido homem de negócios, «mas se tivesse de me decidir entre uma morena e uma loura, de predicados iguais, eu, de qualquer forma, escolheria a loura. As louras têm uma pele e um rosto mais bonitos e podem ter o aspecto de *cuidadas* sem parecerem excessivamente *pintadas*».

Um químico conhecido diz: «No entanto, uma morena pode ter um rosto comparável ao da mulher mais formosa das louras misturando simplesmente um pouco de *mousse de creme* no seu pó».

A «mousse de creme» torna o pó muito aderente, e, com efeito, invisível sôbre a pele No Pó Tokalon, «a mousse de creme» está misturada cientificamente, nas proporções convenientes, com o pó mais leve e mais fino. Conserva-se quer faça vento ou esteja um dia de chuva, e, até mesmo, a-pesar-da transpiração provocada pela dança. Restitui ao nariz brilhante mais feio, uma nova e surprehendente beleza. Em qualquer caso o sucesso é-lhe garantido, senão, ser-lhe-ia restituído o dinheiro do custo.

A' venda em tôdas as perfumarias e boas casas do ramo.

Não encontrando escreva ao
DEPÓSITO TOKALON
88, Rua da Assunção - LISBOA
que atende na volta do correio.

OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editôres, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10$00

1 — **Da terra à lua,** viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.

2 — **Á roda da lua,** trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.

3 — **A volta ao mundo em oitenta dias,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo:

4 — 1.ª parte — *Os ingleses no Polo Norte.* 1 vol.

5 — 2.ª parte — *O deserto de gêlo.* 1 vol.

6 — **Cinco semanas em balão,** trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.

7 — **Aventuras de três russos e três ingleses,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

8 — **Viagem ao centro da terra,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá:

9 — 1.ª parte — *América do Sul.* 1 vol.

10 — 2.ª parte — *Austrália Meridional.* 1 vol.

11 — 3.ª parte — *Oceano Pacífico.* 1 vol.

Vinte mil léguas submarinas:

12 — 1.ª parte — *O homem das águas,* trad. de Gaspar Borges de Avelar.

13 — 2.ª parte — *O fundo do mar,* trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.

A ilha misteriosa, trad. de Henrique de Macedo:

14 — 1.ª parte — *Os náufragos do ar.* 1 vol.

15 — 2.ª parte — *O abandonado.* 1 vol.

16 — 3.ª parte — *O segrêdo da ilha.* 1 vol.

Miguel Strogoff, trad. de Pedro Vidoeira:

17 — 1.ª parte — *O correio do Czar.* 1 vol.

18 — 2.ª parte — *A invasão.* 1 vol.

O país das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:

19 — 1.ª parte — *O eclipse de 1860.* 1 vol.

20 — 2.ª parte — *A ilha errante.* 1 vol.

21 — **Uma cidade flutuante,** trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.

22 — **As Índias Negras,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha:

23 — 1.ª parte — *O cataclismo cósmico.* 1 vol.

24 — 2.ª parte — *Os habitantes do cometa.* 1 vol.

25 — **O Doutor Ox,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:

26 — 1.ª parte — *A viagem fatal.* 1 vol

27 — 2.ª parte — *Na África.* 1 vol.

28 — **A galera Chancellor,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

29 — **Os quinhentos milhões de Begun,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

30 — **Atribulações de um chinês na China,** trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.

A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:

31 — 1.ª parte — *A chama errante.* 1 vol.

32 — 2.ª parte — *A ressuscitada.* 1 vol.

A jangada, trad. de Pompeu Garrido.

33 — 1.ª parte — *O segrêdo terrível.* 1 vol.

34 — 2.ª parte — *A justificação.* 1 vol.

As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:

35 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 1.º vol.

36 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 2.º vol.

37 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 1.º vol.

38 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 2.º vol.

39 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 1.º vol.

40 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 2.º vol.

41 — **A escola dos Robinsons,** trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.

42 — **O raio verde,** trad de Mendonça Balsemão. 1 vol.

Kéraban, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:

43 — 1.ª parte — *De Constantinopla a Scutari.*

44 — 2.ª parte — *O regresso.* 1 vol.

45 — **A estrêla do sul,** trad. de Almeida de Eça. 1 vol.

46 — **Os piratas do arquipélago,** trad. de João Maria Jales. 1 vol.

Matias Sandorff:

47 — 1.ª parte — *O pombo correio.* 1 vol.

48 — 2.ª parte — *Cabo Matifoux.* 1 vol.

49 — 3.ª parte — *O passado e o presente.* 1 vol.

50 — **O náufrago do «Cynthia»,** trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.

51 — **O bilhete de lotaria n.º 9.672,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

52 — **Robur, o Conquistador,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:

53 — 1.ª parte — *O ódio do Texar.* 1 vol.

54 — 2.ª parte — *Justiça.* 1 vol.

55 — **O caminho da França,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

Dois anos de férias, trad. de Fernandes Costa:

56 — 1.ª parte — *A escuna perdida.* 1 vol.

57 — 2.ª parte — *A colónia infantil.* 1 vol.

Família sem nome, trad. de Lino de Assunção:

58 — 1.ª parte — *Os filhos do traidor.* 1 vol.

59 — 2.ª parte — *O padre Johann.* 1 vol.

6 — **Fora dos eixos,** trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.

Cesar Cascabel:

61 — 1.ª parte — *A despedida do novo continente,* trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.

62 — 2.ª parte — *A chegada ao velho mundo.* trad. de Lino de Assunção. 1 vol.

A mulher do capitão Branican, trad. de Silva Pinto:

63 — 1.ª parte — *A' procura dos náufragos.* 1 vol.

64 — 2.ª parte — *Deus dispõe.* 1 vol.

65 — **O castelo dos Carpathos,** trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.

66 — **Em frente da bandeira,** trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.

A ilha de Hélice, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:

67 — 1.ª parte — *A cidade dos biliões.* 1 vol.

68 — 2.ª parte — *Distúrbios no Pacífico.* 1 vol.

69 — **Clovis Dardentor,** trad. de Higino de Mendonça. 1 vol.

A esfinge dos gêlos, trad. de Napoleão Toscano:

70 — 1.ª parte — *Viagens aos mares austrais.* 1 vol.

71 — 2.ª parte — *Lutas de marinheiro.* 1 vol.

72 — **A carteira do repórter,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

O soberbo Orenoco, trad. de Aníbal de Azevedo:

73 — 1.ª parte — *O filho do coronel.* 1 vol.

74 — 2.ª parte — *O coronel de Kermor.* 1 vol.

75 — **Um drama na Livónia,** trad. de Fernando Correia. 1 vol.

76 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.

77 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.

78 — **A invasão do mar,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.

79 — **O farol do cabo do mundo,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.

80 — **A Aldeia Aéria,** trad. de José Coelho de Jesus Pacheco. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

VIAGENS EM ESPANHA

POR **JÚLIO DANTAS**

Á VENDA O 3.º MILHAR

O pórtico da glória — La maja desnuda — Os bôbos de Velásquez — Galiza e a saudade — Mósen del Sevillano — A Aljaferia de Saragoça — Princezas de Moro e de Ticiano — O túmulo de Rosalia — A armadura de D. Sebastião — O luar de Pontevedra — La Tirana — Las mujeres son buenas — Bárbara de Bragança — Rainha de uma noite — Carlota Joaquina num quadro de Goya — A lingua galega — A rainha peregrina — El Português en Sevilla — A loucura de Don Quixote — O castelo do rouxinol — Lopo de Vega em Portugal — Um português na obra de Cervantes — Puente de Bárzia — Toledo e o "Greco" — Los desastres de la guerra.

Um volume de 312 páginas, brochado, com capa a côres, oiro e prata..... **12$00**
Pelo correio à cobrança... **14$00**

Pedidos aos editores: **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 – LISBOA

À venda

SAMUEL MAIA

ÊSTE MUNDO E O OUTRO

O outro mundo — Arca de Noé — Êste mundo de agora (1930) — Tempo de 1932 — Tempo de 1935 — Tempo de 1936 — Juizo final

1 volume de 298 págs., brochado . **12$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

A PROSA ADMIRAVEL DUM GRANDE ESCRITOR

À venda a 3.ª edição de

NEVES DE ANTANHO

do CONDE DE SABUGOSA

Ignez Negra. — Amores do Senhor D. Jorge. — D. Brites de Lára. — Um romance na Côrte de D. João III. — Desculpa de uns amores. — A filha de D. Pedro Nunes. — Só·or Violante do Céo. — D. Francisco Manoel de Melo. — Antónia Rodrigues. — Amor aos livros. — Ramalho Ortigão. — Um beija-mão de Ano Bom no Paço da Ajuda.

1 volume de 318 págs., brochado . . . . . **12$50**
Pelo correio à cobrança mais 2$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SENSACIONAIS REVELAÇÕES CIENTIFICAS RESULTANTES DE PROFUNDAS INVESTIGAÇÕES

Estudos sôbre Quirologia, Metoposcopia e Astrologia

Segundo os métodos modernos do Prof. FANNY LORAINE

Curiosas divulgações sôbre o Destino. A vida do homem está escrita nas linhas da mão, definida pelas rugas da testa e regulada pelas influências astrais

A quirologia é uma ciência, e como tôdas as ciências, está baseada em verdades positivas, filhas da experiência e que portanto, por serem demonstráveis, são indiscutíveis.

Conhecimento dos carácteres dos homens por meio dos vários sinais da testa. As sete linhas da fronte.
As raízes da Astrologia. A lua nos signos do zodíaco.

Nesta interessantíssima obra qualquer pessoa encontra nas suas páginas o passado, o presente e o futuro.

1 vol. broc. de 186 págs., com 8 gravuras em papel couché e 21 no texto, **Esc. 10$00**, pelo correio à cobrança, **Esc. 12$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

À VENDA

Orações e Conferências

de CARLOS MALHEIRO DIAS

1 vol. de 176 págs., broch. . . . . **8$00**
Pelo correio à cobrança . . . . . **9$00**

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Tonturas, abatimento e dôres de cabeça no verão, são a conseqüência da intensa irradiação solar.

A Cafiaspirina traz pronto alívio a esse mal-estar, descongestionando sem atacar o coração de forma alguma.

Cafiaspirina

o produto de confiança!

BAYER

Para pintar paredes

use **MURALINE**

uma tinta que se prepara em 10 minutos seca em horas e dura anos

Depositários:

MARIO COSTA & C.ª, LTD.ª

RUA DO ALMADA, 30-1.º e 2.º

PORTO Tel. 2571

Á VENDA EM TODAS AS BOAS DROGARIAS

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA** os **REUMATISMOS** Agudos ou Chronicos

e todas as dôres de origem artritica

Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

Á venda em todas as Pharmácias

Produits BÉJEAN - Paris

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

Banhos de agua termal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc.

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultra-violetas, DIATERMIA e Maçagens.

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 12

Prémio Ricardo Malheiros

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

TITÚLOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Snr. «Mariquinhas» — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes «Gira» — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... em bainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . **12$00** enc. . . **17$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

N.º 280 — 12.º ANO
16-AGOSTO-1937

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

TOLEDO — RELICÁRIO DE TRADIÇÕES GLORIOSAS

Uma vista do famoso Alcáçar, após a luta encarniçada

Hellen Keller

COMPENSAÇÃO DA DESGRAÇA

A maravilhosa vida de Hellen Keller

que nasceu cega, surda e muda, e vive feliz!

Já calcularam o que representará para um ser humano a cegueira? Tantos e tantos exemplos nos surgem a cada passo, que não se torna muito difícil estabelecer o contraste.

Mas o cego tem a seu favor uma audição apuradíssima a compensar — se compensação pode chamar-se a êste dom — a falta de vista.

Mas ser cego e surdo? Já pensaram nisto? Pois existem seres assim, que vivem numa tal ou qual felicidade!

O mais eloqüente exemplo que podemos citar é o da doutora norte-americana Hellen Keller que ainda há dias conquistou os seus diplomas na Faculdade de Direito da Universidade de Glasgow.

Mas contemos esta história maravilhosa:

Há cinqüenta e sete anos nasceu em Tuscumbia (Alabama) uma menina que recebeu o nome de Hellen, e estava destinada a fazer a felicidade da casa de seus pais, os esposos Keller. Tendo a criança completado ano e meio, foi atacada por uma febre escarlatina que a deixou cega, surda e muda.

Desventurada criança!

Quando tinha sete anos de idade, foi confiada a Miss Anna Sullivan, professora do Instituto dos Cegos de Perkins, que, com um carinho adorável e uma perseverança sem limites, lhe ensinou, sucessivamente, a língua dos surdos-mudos por meio do tacto. E, assim, Helen Keller aprendeu a escrever à máquina. Não satisfeita ainda com a sua obra, Miss Sullivan ensinou lhe, ao cabo de três anos de esforços, a arte da palavra. Desta maneira, Hellen pôde instruir-se e conquistar os graus universitários!

Quando a grande artista Madame Georgette Leblanc entrevistou, em 1912, a cega-surda, na sua residência em Wrenthom — um grande *cottage* branco no meio de um belo jardim — verificou que ela vivia feliz!

Uma curiosa passagem dessa entrevista!

"Ei-la diante de mim, apoiada no braço de Anna Sullivan, agora casada com Mr. Macy. No primeiro momento cuidei que não fôsse ella, essa jovem sorridente que parecia fitar-me. Instintivamente voltei-me para a senhora Macy, mas logo Hellen falou. Com esfôrço articulou algumas palavras de boas vindas, e quando eu ouvi essa voz que parecia vir de um abismo, êsse riso terrível que estrebuchava no silêncio como os passos perdidos na noite... eu senti bem a abominável distância que nos separava.

"Costumamos chamar milagre a tudo que vai além do nosso ser, e, no momento em que tomamos contacto com uma realidade superior, a nossa primeira emoção reveste-se de mistério. Enquanto as nossas almas se procuravam, a minha, cega pelas lágrimas, era a única desorientada.

Entretanto, ela *falava*... fazia-me mil preguntas encontrando as respostas com os dedos sôbre os meus lábios.

"Hellen era alta e desenvolvida. Na sua cabeça bem modelada, os traços eram regularmente esculpidos, o nariz quási direito, a boca nobremente desenhada, o queixo pequeno mas firme, e, dominando o conjunto, a fronte alta e quadrada atraía e detinha a atenção. Sempre muito direita, as suas mãos ávidas dominavam e recolhiam tudo como cérebros misteriosos. Essas mãos ouvem e falam, e também sabem ver, por tal forma elas sabem aperceber-se das coisas ou evitá-las. O passo de Ellen é por si só uma revelação. Tôda a sua energia, a sua tenacidade, a sua coragem humana, todo o seu poderio ali reside, nêsse marchar firme e rápido que parece lançar-se ávante sob a constante direcção de uma lei irresistível. Basta observar esta mulher um instante, para sentir nela uma fôrça imperiosa, paixões cativas que, de início impacientes, batem a portas inabaláveis e em seguida se escapam por ignotas saídas. Raras pessoas dão uma tal impessão de vitalidade. Num salão, cheio de gente, Hellen fremente como a floresta no vento da noite, eloqüente como a própria natureza ou terrorizante na sua imobilidade de mármore, Hellen, proclamaria a vitória da vida espiritual e erguer-se-ia no meio do prazer, como uma sublime e eterna interrogativa».

E Madame Lebranc prossegue:

"Falamos de literatura, arte, desportos, e, em dado momento, ousei formular a pregunta que tôda a gente pensa, mas evita fazer:

— A criança normal que Hellen foi até aos 19 meses, ter-lhe-ia deixado a herança das linhas, das formas e das côres?

Com uma perfeita e transparente honestidade, Hellen hesita um instante e, em seguida, cita-me uma passagem do seu livro admirável:

"Parece-me que existe em cada um de nós uma capacidade de compreender as impressões e as emoções que compuzeram a experiência do homem desde o seu início. Cada indivíduo tem uma recordação subconsciente da terra verde e águas murmurantes; a cegueira e a surdez não podem privá-lo dêsse dom do passado. Essa capacidade inerente a todo o organismo, é uma espécie de sexto sentido que vê, ouve e sente tudo ao mesmo tempo».

Hellen fala-me do seu amor pelas crianças, e emprega uma frase encantadora:

— Gostaria que visse a maneira gentil como as crianças falam sôbre a minha mão; os seus pequeninos dedos são as flores selvagens da conversação; é delicioso sentir na palma da mão, o riso de seda de uma criança.

E em resposta à minha pregunta, prosseguiu:

— Experimente compreender-me. Adivinha decerto que nenhum som apesar da sua beleza, pode atingir a eloqüência do silêncio, e que nós aprendemos mais pelo tacto do que pelo o olhar. Há qualquer coisa de divino no poder da mão humana. Dizem-me que o olhar de um ente amado, nos faz estremecer; mas nenhuma distância existe no contacto com a mão amada. Pode estar convencida de que as belezas do mundo físico me não são defezas. Por tôda a parte se nos deparam maravilhas, mesmo na sombra e no silêncio; e a-pesar-da desgraça do meu poder físico, eu sei como encontrar dentro dêle a minha própria felicidade.

Então, senti bem a dignidade desta mulher que requer que estudem o seu estado, sem piedade nem receio, mas com o interêsse que todo o conhecimento comporta.

— Nunca ocultei nada a Hellen, declarou-se Mad. Macy que nesse instante adivinhou a minha intenção.

— Posso então preguntar-lhe o que pensa sôbre o amor?

Hellen, impassível, responde-me lentamente:

— Todo o verdadeiro amor é precioso.

Eu insisto:

— Não me refiro ao amor em geral minha querida Hellen.

Uma sombra de resignação paira sôbre a sua fronte, e responde-me:

— Qual é a mulher que não tenha alguma vez desejado o amor? Mas... penso que êle me não é permitido; tal como a música e a luz...

E prosseguiu.

— Eu advinho tôdas as dores contidas nas alegrias do amor. Nada ignoro dos sofrimentos do mundo.

Isto foi dito com certa amargura; e eu exclamei:

— Porque fala assim, Hellen? Que misterioso país é o que habita? Por ventura sofre?

Ela reflectiu, e disse-me sorrindo:

— A felicidade é como o cume da montanha. Por vezes está oculta pelas nuvens, mas nós sabemos que lá está sempre.

— Sempre? A felicidade?

— Quando a desejamos. Isso depende do estado do nosso espírito.

— E a Hellen tem sempre a força de a querer?

A jovem, erguendo os ombros um tanto irònicamente, declarou-me:

— Não sou eu uma mulher? Eu choro tanto como as outras, mas creio que isso é um bem como a chuva o é para a terra. Tôdas as minhas visões brotam do amor e da poesia, e essas flores não podem florir sem as lágrimas.

E Hellen resume:

— Visto que o mundo reside em nós próprios, a felicidade não pode existir fóra de nós. Para encontrarmos a vida, é preciso antes de mais, pêrdel-a. A minha perdia-a mil vezes.

— Então — perguntei-lhe — é feliz?

Ela aprumando-se com altivez, disse-me:

— Se eu não fôsse feliz, a minha vida seria numa falência. Eu sou muito feliz!

Oito anos mais tarde fui a Nova York. Nas paredes viam-se grandes cartazes que anunciavam Hellen Keller. Tôda a gente falava com paixão do sucesso inaudito que a surda-cega acabava de obter em Chicago, num teatro onde, de pé, em frente da estante, dirigira com mestria, uma orquestra. Em Nova York, Hellen era aguardada num dêsses famosos *music-halls* onde o ecletismo americano coloca no programa em igual evidência, os números de circo e qualquer experiência científica.

Soube então que Hellen, tendo perdido a sua fortuna, se via obrigada a ganhar a vida.

Em cena voltei a encontrá-la, tal como a tinha visto no seu belo *cottage*, simples e altiva. Junto dela a sua companheira transmitia-lhe na mão, as preguntas que o público endereçava. E ela respondia directamente aos espectadores, com a sua voz rouca e monocórdia, mas com um espírito que surpreendia e entusiasmava o auditório.

No primeiro entre-acto, sem prevenir, precipitei-me nos bastidores e apertei Hellen nos meus braços. Durante um segundo ficou interdita, mas logo os seus dedos correram ágeis sôbre o meu rôsto e, sem hesitar, gritou alegremente o meu nome».

Em face dum tão emocionante exemplo, chegamos até a perguntar — Deus nos perdoi! — para que são necessários os olhos e os ouvidos...

Hellen Keller vive na escuridão silenciosa, mas tem a alma cheia de luz e de harmonias celestiais.

Adaptada ao seu mundo — um mundo àparte, uma espéci» de mansão sagrada a que só os espíritos eleitos têm direito — Hellen Keller vive feliz há cinqüenta e sete anos! Cega e surda!

Chegamos a ter a impressão de que se trata dum milagre, e que essa alma em estado de graça desceu do ceu à terra para nos ensinar a ter resignação e bondade.

NOTICIAS DA QUINZENA

Os oficiais de Artilharia Ligeira n.º 3 e do Grupo de Artilharia contra Aeronaves saüdaram o Chefe do Estado, seguindo-se um almôço de confraternização das duas unidades, na Mata da Marinha. *Em cima:* O sr. Presidente da República presidindo ao almôço. — *A' direita:* A oficialidade das duas unidades na residência do Chefe do Estado

A visita dos delegados do Congresso da História da Expansão Portuguesa no Mundo à Exposição Histórica da Ocupação, acompanhados pelo sr. ministro das Colónias. Dentre tão ilustres historiógrafos, destacava-se o professor Newton, professor de História do Império Colonial Britânico, na Universidade de Londres, director do Arquivo dos Documentos Coloniais, director do Curso de Pesquisas Coloniais e sócio de grande número de Academias Históricas em todo o Mundo. O sr. prof. Newton mostrou desejo de consultar pormenorizadamente os documentos expostos, para o que lhe vai ser concedida a respectiva licença, na devida oportunidade

O sr. dr. Teotónio Pereira, ministro do Comércio e Indústria, lendo a sua conferência na inauguração do Curso de Férias da Faculdade de Letras de Lisboa. — *Á direita:* O sr. Ministro das Colónias na sessão solene de encerramento do 1.º Congresso da Expansão Portuguesa no Mundo, realizada na Sociedade de Geografia. Esta cerimónia mostrou bem a grandeza da nossa Pátria que, por vezes, os estrangeiros fingem ignorar. Felizmente que vieram sábios apreciar tudo isto pelos seus olhos

ROMÉNIA — TERRA LATINA

NAS margens do Danúbio vive um povo latino, o povo romeno, — grande pelos sofrimentos que o destino lhe obrigou a suportar no decorrer dos séculos, até chegar à sua situação de hoje, em que pode desenvolver-se e prosperar de acôrdo com o seu génio latino.

A Grande Roménia de hoje com uma população de cêrca de 20.000.000 de habitantes, adquiriu a sua completa independência territorial, só depois da Grande Guerra, com a restituïção das províncias da Bessarábia, Bucovina, uma parte da Dobrugea e da Transilvânia.

Estas províncias sempre lhe pertenceram e as suas populações conservaram intactos os costumes, língua e cultura, como no resto da Grande Roménia.

Nem oito séculos de dominação estrangeira sôbre a Transilvânia conseguiram apagar e absorver a população romena desta província, que sempre conservou o seu carácter romeno, mantendo as tradições, os costumes e a língua das outras regiões romenas que não sofreram êsse domínio e às quais se sentia ligada por indiscutíveis direitos históricos.

O país ocupado pelo povo romeno está situado a sueste da Europa, no cruzamento da Europa Central, dos Balcans e das estepas russas, formando um quadro geográfico e histórico de uma excepcional diversidade de païsagens, do qual se destacam o Rio Danúbio e as montanhas dos Carpatos, e da reünião dos quais deriva o carácter unitário do país, aparentemente tão variado.

Os Carpatos e o Danúbio são os dois pontos essenciais para qualquer estudo sôbre a terra, costumes, cultura e arte do povo romeno.

Foram estes dois elementos naturais que contribuiram, em grande parte, para a formação e conservação de um povo latino no extremo da Europa, formação a que se deve, sem exagêro, a grandeza da civilização ocidental. O ocidente podendo cultivar em paz as suas artes e aumentar a sua cultura graças à vontade de ferro e resistência sobrehumana dêste povo latino que não quis sucumbir por nenhum preço, e preservou sempre as populações ocidentais contra as invasões dos selvagens tártaros, turcos e russos, destruidores de qualquer civilização.

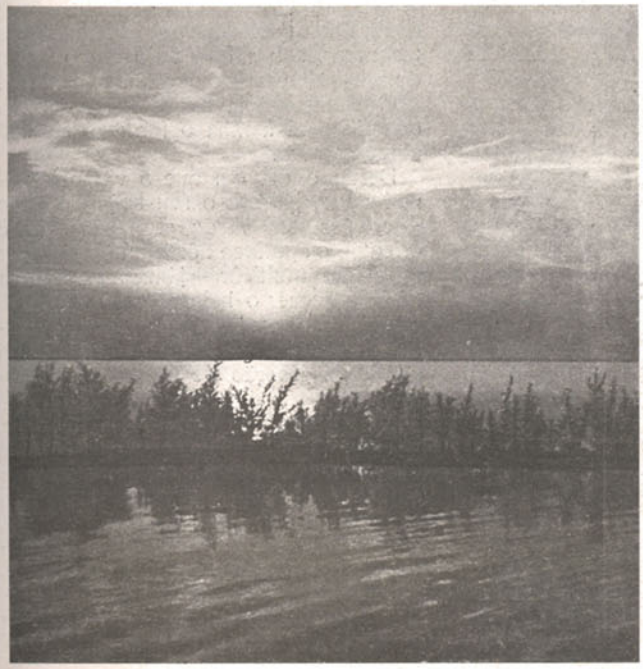
E eis as palavras com que Michelet exprimiu perfeitamente êste papel do povo romeno:

"Peuples de l'occident qui depuis si longtemps, loin de la barbarie, cultivez les arts de la paix, gardez toujours un reconnaissant souvenir pour les nations orientales qui placées aux frontières de l'Europe vous ont couvert et preservé du déluge tartare, des armées des Turcs et des Russes, *n'oubliez pas surtout l'infortunée Roumanie*».

Mas se o povo romeno tinha uma vontade de ferro e um colossal poder de resistência que o ajudaram a conservar intactos os seus costumes, língua e cultura latinas contra as múltiplas e contínuas invasões bárbaras, — só estas qualidades subjectivas não lhe chegariam se não existisse a protecção natural das montanhas e do rio, — dos Carpatos e do Danúbio.

O Danúbio concentrou os diversos étnicos que produziram a nacionalidade romena, e os Carpatos abrigaram as gerações ameaçadas pelas contínuas invasões dos bárbaros.

Sem a existência do rio não era possível a formação de qualquer unidade étnica; — sem a protecção dos Carpatos o povo formado nas margens do rio estava ameaçado de tornar-se, pelas contínuas invasões bárbaras, numa mistura de povos sem qualquer unidade.



Grande é o papel dos Carpatos e do Danúbio na formação e conservação do povo romeno, — mas não é menor a sua importância no passado e presente do desenvolvimento económico e cultural do país.

Foi nas montanhas e ao abrigo delas, que se formaram as primeiras igrejas cristãs, portadoras e propagadoras dos primeiros princípios da moral e da cultura, concentrando à sua volta os primeiros agrupamentos romenos, que ali se podiam manter graças às imensas florestas e pascigos, que lhes forneciam quási tudo o que necessitavam para a alimentação dos homens e do gado, e foi ali que se cristalizou o carácter do povo romeno, — dum povo inteligente, calmo, gostando da natureza e do trabalho e sendo ao mesmo tempo um dos melhores soldados da Europa, como o provou a sua história de heroica resistência.

A maior parte das imensas riquezas naturais, que fazem hoje da Grande Roménia um dos mais ricos países da Europa, deve-se ao massiço Carpático que abunda em ouro, prata, cobre, mercúrio, crómio, manganês e antimónio. Sessenta minas de sal-gema fornecem anualmente mais de 300 milhões de quilos de sal.

As imensas florestas fazem da Roménia de hoje o quinto país florestal da Europa, e as incalculáveis e abundantes espécies de animais, espalharam pelo mundo inteiro a fama das caçadas nos Carpatos. Mas as duas mais importantes riquezas da Roménia são os cereais e, sobretudo, o — ouro preto — o petrólio em cuja produção mundial a Roménia ocupa o terceiro logar.

Enquanto o Danúbio, principal artéria de comunicação, serve para o transporte da maior parte destas riquezas para os países do Danúbio e para o mar, o maravilhoso delta do Danúbio fornece, com exploração rudimentar, mais de 40 milhões de quilos de peixe das mais estimadas qualidades, abundando as carpas gigantescas e os soberbos esturjões, fornecedores do bem conhecido e delicioso caviar romeno.

Mas se estes são, em poucas palavras, as contribuïções por assim dizer práticas dos Carpatos e do Danúbio, incomparável é a sua contribuïção para a beleza do país, formando païsagens que fazem da Grande Roménia um país da maior atracção para o turismo.

M. FRADISS.

NÉVOAS DO PASSADO

QUANDO O AMOR ERA GENEROSO...

O astro-rei, semelhante a uma rosa imensa de pétalas incandescentes, declinava lentamente no horisonte, numa dessas magníficas, intensas e voluptuosas agonias — verdadeiras apoteoses de púrpura e oiro que apenas surgem no Oriente, o país do Sol e do Amor, no dizer dos poetas árabes.

A cúpula de lápis-lazuli do céu, onde os clarões esplêndidos do ocaso acendiam gigantescos braseiros chamejantes, diluíu-se, pouco a pouco, numa abóbada de jade, e as nuvens tomaram coloridos de rubi, granada e ametista.

Era a hora maravilhosa nos países orientais, essa hora repleta duma tão empolgante e feérica beleza que os mahometanos consagram às preces dirigidas a Allah.

— Dentro em pouco — murmurava consigo Gilbert Becket, o jovem cruzado inglês que, feito prisioneiro numa batalha com os sarracenos, havia sido dado como escravo ao emir da Palestina — dentro em pouco o muezzim chamará os seus fieis à oração. Também, neste momento, devem estar a tocar as Avé-Marias os sinos das igrejas da minha pátria!

Uma onda de amargura fez curvar a cabeça do infeliz guerreiro, e dos seus olhos, daqueles olhos que nem sequer tinham pestanejado quando, nos combates, impelia o seu cavalo de encontro aos esquadrões sarracenos, na direcção do ponto mais aceso da refrega, duas grandes lágrimas saltaram e deslizaram-lhe, vagarosamente, pelas faces...

Ah! Porque não morrera êle naquela maldita batalha em que o sangue cristão correra em torrentes, e, de lança em punho, na sua armadura de cruzado, a mais bela mortalha que um paladino de Jesus, um defensor do Santo Sepulcro podia ambicionar?

Porque não o tinham decapitado os árabes no dia em que o tornaram prisioneiro? Estaria agora junto de Deus, no paraíso que Pedro Eremita prometera a todos os que tombassem na Terra Santa, em lugar de viver na ignomínia da escravidão, êle que, na sua longínqua pátria, era livre, rico e poderoso!

A sua pátria!... que sucessão de imagens queridas essa simples palavra lhe evocava! Gilbert fechou os olhos e reviu os pais, a velha casa ancestral onde nascera, os céus plúmbeos, os prados verdes e as densas florestas da sua Inglaterra.

Volvidos alguns instantes, o escravo descerrou as pálpebras, e um suspiro de dor fugiu-lhe dos lábios, ao olhar em redor: aquêle Sol ofuscante, que brilhava no firmamento de pervinca, aquêle maravilhoso palácio azul que parecia revestido de turquezas como os castelos encantados dos contos das Mil e Uma Noites, aquêles jardins, verdadeiros Edens de verdura, onde, no meio dos arbustos esmeraldinos, floresciam anémonas vermelhas, iris violáceos, cyclamens côr de rosa, e aquelas montanhas vulcânicas, de aspecto ciclópico, cujos cumes ainda se mostravam toucados de neve, lembravam-lhe, implacàvelmente, o seu cativeiro e a sua condição de escravo.

Gilbert Becket debruçou-se no parapeito do miradouro, onde se encontrava, olhando o abismo que se abria a seus pés.

E, pensar que bastaria um simples movimento para se libertar dessa escravidão!...

Uma luta terrível se travou na alma do cruzado.

— Sou cristão — murmurou por fim desviando a vista do abismo tentador — não me cabe a mim o direito de pôr termo à existência. Confio na misericórdia de Deus. Tenho fé, essa fé que move as montanhas. Cristo me libertará!

Ouviu-se um ruído leve de passos sôbre o mosaico do terraço.

Gilbert voltou-se, levando a mão à fronte, no gesto da saüdação oriental.

A princesa Zara, filha única do emir, aproximava-se, seguida das suas escravas.

A fama da incomparável beleza de Zara corria por todo o Oriente, e ninguém podia compreender a razão porque ela — uma filha do país do Sol para quem a vida sem amor devia ser uma noite sombria — se recusava a deixar o carinho de seu pai pelos afagos dum marido.

Debalde, os mais valerosos e ilustres guerreiros do Islam a tinham requestado para espôsa. A princesa a todos despedia com o mesmo altivo desdem.

O segrêdo destas sucessivas recusas consistia num facto bem simples: o amor entrara no velho palácio encantado das turquezas, sob a forma do moço inglês de olhos de pervinca e cabelos de oiro...

O emir deveria estar louco, decerto, quando dera à filha o formoso cruzado como escravo.

Desde o dia em que o viu pela primeira vez, já com o seu trajo de servo — calções tufados de seda vermelha, à oriental, o apolíneo dôrso nú cingido por um cinto multicôr — jámais a princesa pôde esquecer o belo moço de rosto de arcanjo e corpo de atleta, incarnação perfeita do homem loiro do Norte, tal como a sua imaginação de árabe o tinha sonhado.

A maravilhosa centelha brotara nela, e, arrastada por essa fôrça invencível a que nenhum dos mortais consegue resistir, Zara amou Gilbert, sem que êle de tal se apercebesse, com todo o seu coração, com tôda a sua alma, loucamente, apaixonadamente, como se ama no Oriente, aos dezasseis anos...

A princesa aproximava-se. Ao chegar junto do escravo inglês, deteve-se. Obedecendo a um imperioso gesto seu, as servas afastaram-se.

— Pensas sempre no mesmo!... — murmurou ela, com um sorriso triste, ao notar vestígios de lágrimas nos olhos de Gilbert.

— Sempre! Mentiria se o negasse — respondeu êle, num árabe hesitante, curvando-se diante da filha do emir — a tua clemência suaviza o meu cativeiro. De joelhos, deveria agradecer-te. Mas a saüdade da minha pátria não me abandona um único instante.

— Tens razão — suspirou a princesa — porque lá és livre e poderoso, tão livre e poderoso como eu. Lá, vivem teus pais. Lá... sem dúvida... te espera ansiosamente a tua bem-amada...

— Enganas-te! — replicou o cruzado respirando o inebriante perfume que Zara emanava — nenhum coração feminino, a não ser o de minha mãi, sofre por mim em Inglaterra. Nunca amei senão a Deus, a meus pais e a minha espada!

Uma alegria imensa se reflectiu nos olhos da jóvem árabe.

— Disseram-me, Gilbert, que as mulheres do teu país se assemelham aos anjos pela beleza...

— Talvez.

— São mais formosas do que eu? — preguntou Zara, numa voz trémula de emoção, mergulhando a luz das suas pupilas de azeviche no azul puríssimo das iris do inglês.

Gilbert Becket fitou demoradamente a princesa.

Como ela lhe parecia bela, sedutora, fascinante, irresistível, com o seu corpo de mármore vivo, envolto em sumptuosos brocados refulgentes de pedrarias, as suas longas tranças de ébano, a sua pele doirada de bárbara e os seus olhos maravilhosos, semelhantes a duas misteriosas flores de veludo negro perdidas num lago de cristal!

Por momentos, Gilbert esqueceu-se de que era escravo, para apenas se recordar de que era homem. Sentiu que aquela mulher tão morena lhe pertencia de direito, a êle, tão loiro; compreendeu que a bem-amada da sua existência chegára finalmente, e veio-lhe o desejo louco e imperioso, de estreitar nos seus braços êsse corpo de virgem...

— Não! — respondeu, por fim, desviando a vista dessa tentadora visão da mocidade e beleza — nenhuma das filhas de Inglaterra te iguala, nem mesmo, juro-te, quer em França, quer em Espanha, encontrei mulher alguma que se te pudesse comparar em formosura e encanto! E, para mais, nunca te vi, sem os veus que a lei do teu Profeta te obriga a usar sôbre a face!

Num gesto rápido, Zara arrancou os veus, e, maravilhado, Gilbert pôde contemplar a beleza esplêndida do rosto da filha do emir.

— Princesa! Princesa! — exclamou êle, assustado, olhando em redor — nenhum homem, a não ser um esposo, têm o direito de vêr o teu rosto descoberto!

— E não és tu — preguntou Zara, numa voz quente, arrastada, sensual — o homem que eu amo, o esposo eleito pela minha alma, aquêle que acendeu no meu coração uma fogueira que só a morte extinguirá?!

— Meu amor! Meu amor! — suspirou Gilbert cingindo nos seus braços a joven apaixonada — porque quis a fatalidade que tu nascesses debaixo dum céu diferente do meu, num país, onde tu és princesa, e eu escravo?!

II

A primavera passára. Estava-se em pleno verão. A lua brilhava, em todo o seu esplendor, derramando sôbre a Terra a sua pálida e misteriosa claridade. Milhares e milhares de estrelas — diamantes siderais que fariam inveja a uma sultana — refulgiam no céu maravilhosamente puro e sereno dessa bela noite de Agosto.

No alto do miranete da próxima mesquita, o muezzim surgiu, recortando a sua silhueta branca no azul nocturno, e principiou a cantar a glória de Allah, na sua voz melodiosa que ressoava no horisonte.

— *Só Deus é grande e Mahomet é o seu profeta!*

Ao ouvir o canto religioso, todos no palácio, desde o orgulhoso emir ao mais ínfimo escravo, se prostraram, humildemente, beijando o solo, na veneração a Allah.

Depois de haver terminado as suas orações, a princesa Zara ergueu-se e caíu soluçando sôbre as almofadas do divan, mas, volvidos instantes, dominando a sua emoção, enxugou as lágrimas e disse para a velha escrava, cumplice fiel do seu desvairado amor pelo guerreiro do Norte:

— Vai chamar Gilbert.

Minutos depois, o cruzado entrava nos aposentos da princesa e ajoelhava-se-lhe aos pés, beijando-lhos, em silêncio, num gesto de adoração.

Dir-se-ia que nunca Zara lhe parecera tão formosa. O luar iluminava-a toda, e, sob êsse banho duma feérica alvura, ela aparecia-lhe como uma visão sobrenatural, divinamente bela na sua túnica de lhama de prata, que lhe deixava a descoberto os braços esculturais, com um enorme diamante cintilando-lhe na fronte envolta no manto esplêndido das suas tranças soltas.

Essas madeixas côr da noite misturaram-se, num estreito abraço, com os cabelos côr do sol do inglês, e os seus lábios uniram-se num beijo.

— Amas-me, Gilbert? — murmurou ela num sôpro.

— Amo-te, e amar-te-ei até à morte — respondeu êle como num sonho — nunca terei outra esposa a não seres tu!

Zara desprendeu-se dos braços do cruzado e olhou-o fixamente no rosto como para gravar na memória, duma forma indelével, êsses traços queridos, acariciou-lhe a face, e disse-lhe, por fim, com um sorriso triste, infinitamente doloroso:

— Gilbert, meu bem-amado, ao saíres daqui, encontrarás o chefe dos escravos, que te transmitirá as minhas órdens. É preciso que obedeças sem hesitar.

— Meu Deus! De que se trata? — preguntou aflito o jóvem.

— Vou dar-te a maior prova de amor que jàmais mulher alguma deu a um homem — continuou a princesa — pois não é o amor o sacrifício, a abnegação, o esquecimento completo de nós próprios?

— Que queres dizer?

— Nada! — redarguiu Zara, fazendo-lhe um colar vivo com os seus braços nus em volta do

pescoço, e dando-lhe um último beijo — vai e que a paz seja contigo! Que o meu Profeta e o teu te acompanhem!

III

Meses depois, Gilbert Becket via surgir, ao longe, entre as brumas pardacentas, as falesias brancas de Inglaterra.

Ao saír dos aposentos da princesa, encontrara o chefe dos escravos que, em voz baixa, lhe ordenara que o seguisse. Com passos de veludo atravessaram salas, pátios e corredores, subiram e desceram escadas, percorreram o jardim, ocultando-se por entre as árvores. A certa altura, o velho escravo deteve-se em frente de um dos muros, afastou os arbustos que mascaravam uma porta secreta, abriu-a e saiu, fazendo sinal a Becket que o imitasse.

Na planície vasta e deserta via-se um homem segurando dois camelos.

— Monta sem demora! — segredou-lhe o chefe dos escravos, indicando um dos animais ajoelhados. Aquêle mercador que ali vês, dirige-se a Granada. Segue-o como a sombra, se queres voltar à tua pátria! São estas as ordens da princesa. Aqui tens as bolsas de oiro que ela te envia.

— Não quero! Não quero! — gritou Gilbert revoltado — prefiro a escravidão junto de Ela, à liberdade sem Ela!

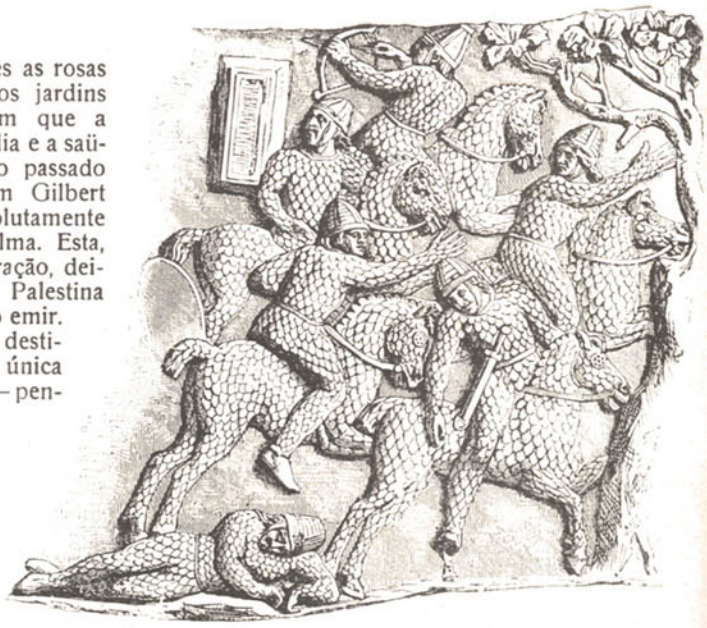
Dum salto, o chefe dos escravos ocultou-se no jardim, e a porta, como impelida por uma mola invisível, fechou-se sôbre êle.

— A caminho! — disse o mercador.

IV

Já por três vezes as rosas tinham florido nos jardins de Inglaterra, sem que a profunda melancolia e a saüdade cruciante do passado se dissipassem em Gilbert Becket. Era absolutamente um corpo sem alma. Esta, assim como o coração, deixara-os ficar na Palestina aos pés da filha do emir.

— Visto que o destino me separou da única mulher que amei — pensava êle constantemente — dessa mulher sublime que tanto se sacrificou, também não quero outra. Morrerei cavaleiro professo na Ordem dos Templários!



Lá longe, no palácio encantador das turquezas, a infeliz Zara sentia-se morrer de saüdade, nessa morada que tantas recordações lhe trazia à memória, do lindo sonho de amor que vivera nos braços do formoso guerreiro cristão.

Gilbert jurara-lhe que nunca teria outra esposa a não ser ela, de modo que, confiante nesse juramento, um projecto extraordinário, fruto duma imaginação ardente e romanesca de mulher oriental, principiou a germinar no seu espírito.

— Não — prometia ela a si própria, tôdas as vezes que essa ideia a assaltava — enquanto meu pai viver, enquanto eu tiver coração para sofrer, nunca o farei... mas depois...

Porém, uma noite, o velho emir morreu, e Zara achou-se livre e sòzinha no mundo.

Uma semana mais tarde, a princesa, sob o pretexto duma peregrinação a Meca, deixava, com os seus escravos, o palácio, seguido duma caravana de camelos carregados de riquezas.

V

A morada de Gilbert Becket estava em festa. O opulento cavaleiro inglês dava nesse dia um festim em honra dos seus antigos companheiros da Cruzada.

O banquete decorria no meio da maior satisfação, mas debalde tentavam os guerreiros acordar a sombra dum sorriso no melancólico semblante de Gilbert.

De súbito, ouviu-se, vindo da rua, um tremendo clamor, e nêle uma voz de mulher, elevando-se acima de tôdas, gritava:

— Gilbert! Gilbert!

O metal desta voz penetrou como acerado dardo no coração do antigo escravo.

— Meu Deus! Esta voz... Dir-se-ia...

— Que motim é aquêle? — inquiriram os convivas, procurando já com a mão as suas espadas.

— Uma mulher que parece estrangeira, pois apenas sabe uma palavra em inglês — informou um dos servos — depois de haver percorrido as ruas de Londres gritando: "Gilbert! Gilbert!„ está à porta da casa seguida duma enorme multidão.

— Mandem-na entrar — balbuciou Gilbert Becket, pálido de emoção, sem ter fôrças para se levantar da sua cadeira senhorial.

Os servos obedeceram às ordem do amo. Decorridos instantes, uma mulher, cujo corpo esbelto se adivinhara através do albornoz branco como a neve que a envolvia, entrou na sala do banquete e dirigiu-se resolutamente a Becket.

— Reconheces-me Gilbert? — preguntou ela afastando o veu que ocultava o rosto num gesto de inexcedível majestade.

— Minha Zara, minha princesa, minha esposa bem-amada! — gritou Gilbert, louco de alegria, caindo aos pés da filha do emir da Palestina.

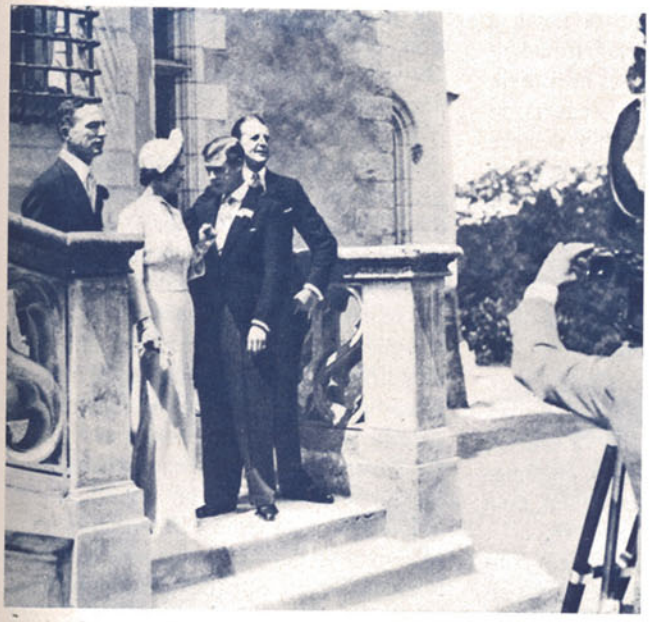
Passaram-se anos. Nos miranetes das mesquitas árabes os muezzins continuavam a cantar a glória a Allah, enquanto que Zara, sôbre cuja fronte, ao unir-se a Gilbert, caíra à água do baptismo, rezava, de joelhos, nas igrejas cristãs diante da imagem do Crucificado, tendo nos braços o filho que, um dia, havia de ser S. Tomaz Becket, o bem-aventurado mártir que a igreja conta no número dos seus santos.

EUNICE PAULA.

A felicidade do duque de Windsor

O duque de Windsor encontrou a felicidade a troco da sua abdicação. Após o seu casamento no Castelo de Candé, tomou o rumo de Veneza, convencido talvez de que iria gosar, por fim, o mistério entre o marulho suave das águas prateadas por um luar de sonho.

Ainda assim, o duque de Windsor há-de ser sempre o duque de Windsor, quer queira, quer não.



Os duques de Windsor pouco antes de deixarem o Castelo de Candé

Chega-nos agora a notícia de que êste príncipe quebrou o incógnito num rasgo de cavalheirismo e de elegância que recorda as suas façanhas como príncipe de Gales.

Foi o caso que um grupo de turistas americanos, apinhados no cais do Palácio dos Doges, inspeccionavam indiscretamente — com uma indiscrição puramente «yankee» — as gondolas que deslisavam silenciosamente pelo grande canal. E quando, numa delas, adivinharam, num homem alto e loiro e numa bela mulher morena, o famoso par cujos amores prenderam as atenções do Mundo, o espanto foi maior.

Tão grande que, quando os duques de Windsor saltavam perto da Ponte dos Suspiros, uma jovem americana — loira como o trigo — verdadeiramente emocionada, deixou caír a sua pequena mala de mão, que rolou aos pés do ex-rei da Inglaterra, precipitando-se nas águas escuras do canal.

Foi então que o duque, resolutamente, num gesto rápido, mergulhou nas águas um dos pés calçados de camurça branca, para mais fàcilmente se inclinar, e restituiu, segundos depois, o pequeno saco à gentil americana.

A cena, que durou apenas alguns segundos sob o sorriso complacente da duquesa de Windsor, foi o suficiente para quebrar o incógnito dos visitantes.

E hoje, o gesto cavalheiresco daquele que foi rei de Inglaterra e imperador das Índias, corre Mundo, transmitido, nervosamente, pelos fios indiscretos do telégrafo...

Mas, ainda assim, o duque de Windsor é feliz, liberto da árdua tarefa de reinar. Bons tempos os de príncipe de Gales!

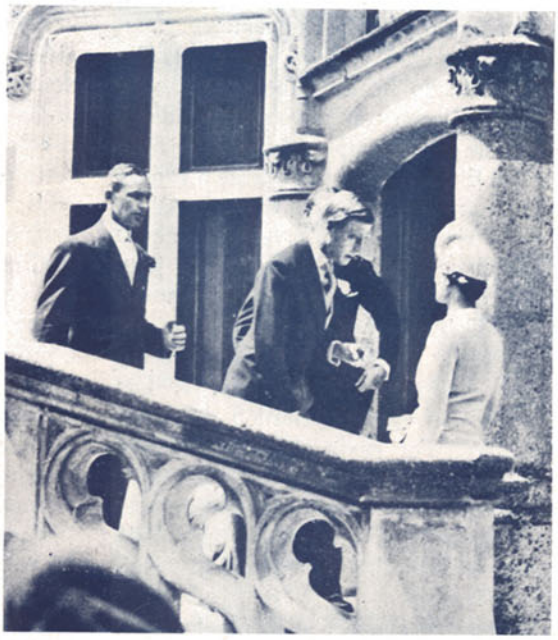
Na Inglaterra, a função de rei é mais espinhosa do que à primeira vista possa imaginar-se. Ser soberano da Grã-Bretanha e imperador das Índias é sacrificar-se em holocausto no altar da Pátria, é deixar de ser um homem com tôdas as suas aspirações para ser um símbolo augusto intangível em que todos os seus muitos milhões de subditos estão de olhos postos na maior confiança da sua alma. Que poderá fazer um rei adento das rígidas muralhas dum tal protocolo?

Um grupo após a cerimónia

Os duques de Windsor na cerimónia do seu casamento

Quando morreu Jorge V houve um cronista que teve uma bela definição ao afirmar que, para Eduardo VIII não morrera só o rei da Inglaterra, mas também o príncipe de Gales!

No Castelo de Candé



O duque de Windsor teve a felicidade de possuir um irmão que o substituíria no trono. Não hesitou, portanto, em abdicar. Deixando de ser o rei da maior nação do Mundo, sente-se feliz em continuar a ser um príncipe muito amado sem ter de invejar as livres andorinhas...

E vive feliz! Poderá dormir descansado sem as preocupações que as dificuldades da governação sempre trazem, e cada vez maiores quanto maior fôr a Nação a governar.

Agora, em Veneza, deixará vogar os seus amores na gondola tradicional. E ao passar na Ponte dos Suspiros, soltará um suspiro, um profundo suspiro, mas de alívio.

O actor Vasques

EVOCAÇÕE

Os grandes actore

lídimas glórias dos palc

NESTES tempos de absoluta crise teatral que estamos atravesando, cada vez nos lembra mais os grandes artistas que tivemos a felicidade de aplaudir.

O Taborda, por exemplo, que foi, incontestavelmente, o maior actor cómico que pisou o palco português.

Nascido em Abrantes, o pequeno Taborda, tendo ficado órfão de pai, veio parar a Lisboa com nove anos de idade, a-fim-de fazer a aprendizagem de tipógrafo. Embora cedo começasse a ganhar o pão amargurado, isso não lhe empanou a vivacidade que divertia imenso o pessoal da oficina. O rapaz tinha jeito para actor. Com efeito, tempos depois, Taborda começou a representar no Teatro do Gimnásio com o ordenado mensal de 9$600 reis. E tais provas deu que não tardou a ganhar o dôbro. Foi nesta altura que Emílio Doux, tendo passado a dirigir o Teatro do Gimnásio, não encontrou talento em Taborda, e, entendendo que nada valia, reduziu-lhe a metade o vencimento!

O mesmo sucedeu com o actor Vasques, brasileiro, que, tendo imenso valor, não mereceu a menor importância ao implacável Doux.

Isto vem provar que a perspicácia tão apregoada do notável ensaiador não passava duma lenda mais fácil de destruir que a do lobo de Sintra.

Taborda e Vasques eram dois grandes artistas que não podiam ficar ocultos aos olhos perscrutadores de um bom mestre de teatro.

A êste respeito, Sousa Bastos fez a seguinte declaração que representa o mais eloqüente depoimento:

«Quem dizia Vasques no Brasil, dizia Taborda em Portugal. Não podia ser mais popular. Além de tudo, entre Vasques e Taborda ainda outro ponto de contacto: ambos tiveram por mestre no começo da carreira teatral, Emílio Doux, e com ambos se enganou o perspicaz francês que descobria o talento onde êle mais se ocultava.

«Desde que Taborda visitou o Rio de Janeiro, entre êle e Vasques havia a mais sincera amizade e verdadeira admiração. Nas minhas digressões ao Brasil, à partida de Lisboa, ou na ocasião do embarque no Rio, eu recebia sempre infalivelmente um estreito abraço da Taborda para o Vasques e outro mais apertado do Vasques para o Taborda.

«Não quero fazer a comparação entre os dois primeiros actores cómicos de Portugal e Brasil. Eram bem diversos os meios em que cada um vivia; era principalmente diverso o público para que cada um representava.

«Sou tão apaixonado de Taborda, tenho por êle tanta admiração, que nunca encontro actor que para o iguale, nem espero encontrar quem o exceda».

Acêrca do Vasques, faz também considerações interessantes como desapaixonadas, que não resistimos à tentação de as transcrever:

«Com certeza há actores de mais talento e mais recursos do que era o Vasques, o que decerto não havia era actor mais querido do público.

«Francisco Correia Vasques nasceu de sete mezes, e era tão pequenino que despertou em todos que o viram nascer a primeira gargalhada.

«Aos seis anos já fazia papeis de criança, com o maior agrado. Chamavam lhe o Chico, e assim o ficaram chamando todos os que o tratavam na intimidade.

«Aos onze anos quizeram torcer-lhe a vocação, mandando o para despachante da Alfandega; mas êle ali mesmo arranjava público para o ver representar. Tiveram de mandá-lo embora, porque, com as cênas cómicas, nem trabalhava nem deixava trabalhar os mais empregados.

«Os primeiros papéis que representou fôram os de Queiroga nos *Trabalhos em vão* e de Califourchon na *Corda sensivel*.

«Seria um nunca acabar citar tôdas as peças em que fez criações, algumas notáveis. De permeio com os papéis cómicos e burlescos desempenhava a primor alguns altamente dramáticos, como os das suas peças *Lágrimas de Maria* e *Honra dum Taberneiro*.

«Dos seus trabalhos cómicos basta citar os seguintes: Dr. Escorrega, da *Princesa dos Cajueiros;* André, da *Mascote; Robinson;* o Gregório da *Niniche*, e outros na *Mulher do Papá, Mosqueteiros no Convento, Sinos de Corneville, Mil e uma Noites, Lotaria do Diabo, Boccacio*, etc.

«Tinha o Vasques uma singularidade que o afastava completamente de todos os outros actores cómicos. Taborda, Vasques e outros muitos dispunham de magníficos olhos, que manejavam com extradinária facilidade e de que tiravam grande partido. Vasques, para fazer rir deveras, cerrava completamente os olhos. Só êle possuia tal segredo».

Isto afirmava Sousa Bastos nos bons tempos em que ainda havia teatro em Portugal. E, conquanto fôsse por vezes parcial, o autor da *Carteira do Artista* em grandes apuros se veria, se voltasse hoje ao Mundo e tivesse de continuar a sua obra. Não queremos dizer com isto que não existam artistas de grande merecimento no nosso País. Existem. Os tempos é que são outros... O teatro está ferido de morte pelo seu terrível concorrente — o Cinema.

O público que seleccionava as peças, e tão conscienciosamente as consagrava ou afundava na primeira representação, êsse é que desapareceu. Tenham bem presente o glorioso Teatro de S. Carlos, ao qual os mais afamados artistas de todo o Mundo vinham buscar o seu *brevet* definitivo. Aplaudidos em S. Carlos, tinham a carreira feita e um amplo futuro a sorrir-lhes engrinaldado com os mais belos triunfos.

Hoje, como é sabido, o S. Carlos encontra-se fechado...

E daí, talvez seja melhor assim... Que se fôssem reabertas as suas portas, os novos espectadores não saberiam entender a partitura como os antigos faziam, levando-a no bolso para seguirem o desempenho dos cantores.

Nos teatros de declamação, o público não era menos exigente. E assim se explicava a retumbância dos êxitos quando

TEATRAIS

Taborda e Vasques

de Portugal e do Brasil

as peças e os seus intérpretes o mereciam.

Hoje nada disto sucede. Por isso temos saüdades do nosso Taborda e do Vasques brasileiro. E já que voltamos a falar no Vasques, não deixaremos de contar um curioso episódio da sua carreira teatral, e que bem patenteia a estima em que o público o tinha.

O Vasques era impagável.

Duma vez lembrou-se o popular actor de anunciar num seu benefício que, num dos intervalos, à vista dos espectadores, comeria um homem vivo. Calculem o efeito que produziu só o anúncio. Na noite da récita a enchente era sufucante, apesar de terem sido enormemente elevados os preços.

Passaram os dois primeiros actos no meio da maior ansiedade. No fim do segundo, ninguem se levantou da plateia nem da galeria. Deu o sinal; o público conteve um grito, mas teve um estremecimento. A orquestra executou um trecho fúnebre. Terminado êste, houve alguns momentos de espera, em que se não ouvia sequer respirar. Ergue-se o pano... cenário lúgubre. O Vasques entrou com modos e cara de antropófago, caminhou até o proscénio. Foi a primeira vez que não teve palmas ao aparecer em cena. Depois de um significativo silêncio disse:

— Meus senhores, venho, no cumprimento do programa que distribuí, disposto a comer um homem!

Gargalhada geral.

— Perdão; rogo-lhes que se não riam, porque o caso é muito sério.

Maior gargalhada.

— Creio que os senhores ainda não, tomaram o caso a sério, como eu. Confesso que estou arrependido da promessa que fiz; mas está feita, e hei de cumpri-la, como costumo. Passei o dia inteiro procurando por tôda a cidade e arrabaldes algum infeliz que não tivesse amor à vida e desejasse acabar nos meus dentes. Não encontrei um! E' uma terra de gente feliz êste Rio de Janeiro! Para cumprir a minha promessa é indispensável que um dos senhores espectadores se preste ao sacrifício. Se há por aí algum que deseje ser comido por mim que se apresente:

Da galeria gritou um espertalhão:

— Pronto! cá estou eu!

— Quere?

— Quero.

— Salte cá para o palco.

Dito e feito. O espectador, com ares de pimpão, desceu da galeria, atravessou a plateia, entrou na orquestra e trepou para o palco.

— Então o amigo quer mesmo ser comido vivo?

— Sim, senhor — respondeu o sujeito com desejos de obrigar o Vasques a um fiasco.

— Por onde quer que comece?

— Por onde quizer.

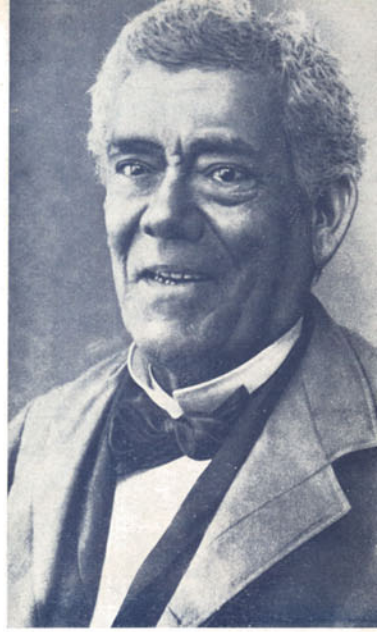
— Diga lá, por onde?

— Por êste braço.

E o sugeito arregaçou a manga da camisa, tendo já despido o casaco.

O Vasques ferrou-lhe os dentes como quem ia deveras a devorá-lo.

Sousa Bastos



O actor Taborda

— Ai! ai! — gritava o outro, fugindo com o braço.

— Mau; assim não podemos entender-mos. Eu prometi comer um homem; o senhor prestou-se a ser comido. Sem lhe arrancar a carne aos pedaços, não o posso comer. Dê cá o braço!

— Livra! — gritou o outro, saltando do palco e deitando a fugir pelo teatro fóra, no meio de uma assuada enorme de espectadores.

— Outro! Venha outro! — rugia o Vasques — quero cumprir o programa.

Vendo que ninguem se apresentava declarou:

— Meus senhores, vêem bem que eu, conforme anunciei, istou disposto a comer um homem vivo, à vista do público. Os senhores é que não cumprem o programa, deixando-se comer. Portanto, passem muito bem.

O pano desceu para de novo subir por mais de vinte vezes para todos aplaudirem com entusiasmo o actor que, afinal, os tinha *comido a todos*, enganando-os com o anúncio espertalhão.

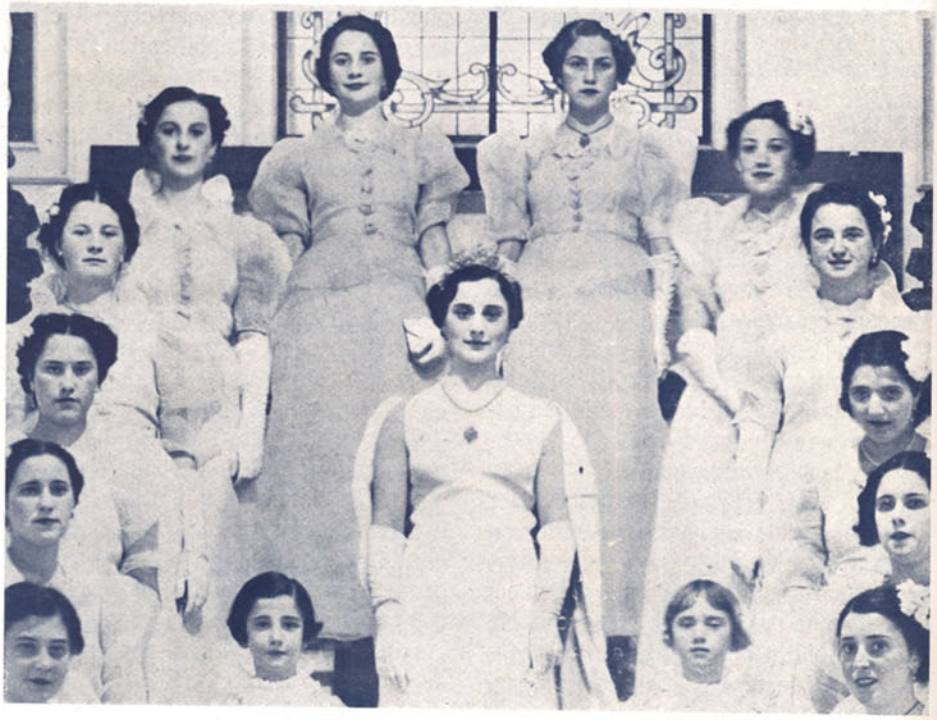
Onde tudo isto já vai!

E como se torna cada vez mais difícil que o passado regresse!

Hoje — que Deus nos valha que bem pode! — nós, o público continuamos a ser comidos, é verdade, mas sem graça nenhuma. Quando tudo se aperfeiçoa, quando tudo tende a encontrar o ponto culminante da grandeza, porque não há-de o Teatro seguir êste exemplo?

Ao menos, fazer respeitar as tradições.

JOGOS FLORAIS EM ANGRA DO HEROÏSMO



Mademoiselle Maria Leonor Braz Ramos Moniz de Côrte-Real, eleita rainha da beleza no baile de despedida do ano de 1936, no Lawn Tenis-Club, de Angra do Heroïsmo. — A' direita: *a rainha da beleza rodeada pelas suas damas de honor, na escadaria do* hall *da Camara Municipal, por ocasião dos Jogos Florais de 1937.* — Em baixo: *Parte das damas de honor e da Côrte no Salão Nobre da Câmara Municipal de Angra do Heroïsmo*

REATANDO uma linda tradição, realizaram-se em Angra do Heroïsmo os Jogos Florais que constituiram uma festa de graça e elegância.

O momento mais emocionante foi, sem dúvida, o da entrada no salão, onde se via uma assistência numerosa e selecta, formada por tôda a mais alta representação local, do vistoso cortejo de Sua Majestade Graciosa, anunciado pelo chefe do protocolo com as três pancadas graves e solenes do seu pesado bastão. Tôda a assistência se levantou em sinal de homenagem respeitosa, as damas da côrte, postadas em alas ao meio do salão curvam-se em vénia protocolar à passagem da rainha, seguida dos seus característicos pagens, *damas de honor* de graciosos trajos e cavaleiros à Marialva.

Foi, por fim, anunciada a festa pela rainha, desenrolando-se o programa costumado: discursos, leitura das poesias premiadas e números de linda música orquestral.

Em primeiro lugar, falou o sr. dr. Elmiro Mendes, presidente da Câmara que, como tal, recebera no vestíbulo da mesma o real cortejo, acompanhando a rainha ao trono. Sua ex.ª falou com aquela singeleza própria da gravidade do momento e com a clara dicção de verdadeiro orador que todos conhecem e admiram.

O esperançoso estudante Ramiro Valadão, com seus largos gestos de tribuno precoce, voz bem timbrada, focou um quadro poético e guerreiro da Idade Média; exaltou a iniciativa feliz do sr. Presidente da Câmara e saüdou a rainha Graciosa.

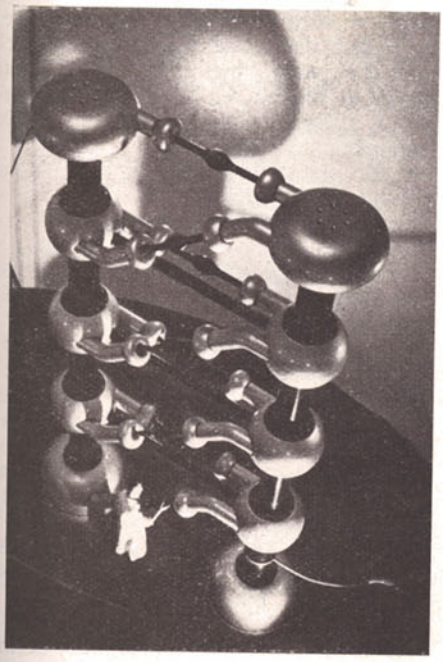
Uma festa que deixou as melhores impressões!

Dr. Elmiro Mendes, professor do Liceu Central e Presidente da Câmara Municipal de Angra do Heroïsmo, infatigável realizador dos Jogos Florais de 1937

ACTUALIDADES ESTRANGEIRAS

O Castelo Katz que fica próximo da povoação de St. Goarshausen, e domina Reno. Lá no alto, a primorosa edificação patenteia-se em tôda a sua beleza e majestade. O seu nome de Katz, que quere dizer «gato», vem talvez de ter trepado tão alto

A inauguração da «Casa das Artes Alemãs» na sala do congresso do Museu Alemão em Munich. Presidiu o Fuehrer que pronunciou um notável discurso em que focou o grandioso desenvolvimento das artes germânicas em todo o seu vasto império



Vista parcial da nova instalação para a dissociação dos átomo no «Kaiser-Wilhelm-Instituto», de Berlim, em que se fazem experiências com corrente contínua até 3,2 milhões de voltes para penetrar na matéria

Uma vista do terreno da Exposição de Paris, em que domina a magestosa Tôrre Eiffel que sendo, a principio tão atacada, constitui hoje um ponto característico, senão um símbolo da capital francesa

Um aspecto da corrida dos seis dias em motocicleta, realizada em Inglaterra. A nossa gravura mostra uma das mais emocionantes e arriscadas fases do percurso em terreno acidentado no país de Gales

A ceifa do feno ao largo das autopistas do Reich. Na gravura vê-se um carro para transporte rápido das gabelas, e sem grande esforço

Uma demonstração da produção de lã celulosa extraída da madeira, vendo-se as várias fases do fabrico na Exposição química técnica na Alemanha

Cascata da Fervença na Serra da Estrêla

À entrada de Múceres, lança-se o Vale da Ponte, amoroso, num cachão de vergeis, na vasta veiga, como uma corrente impetuosa se lança no mar...

Em Fonte da Nespereira encontramos um rebanho de ovelhas que sai ao pastío da tarde. Dois carneiros, que vão à frente, testilham; cavo, ecôa na azinhaga o choque das armaduras.

Uma regadeira atravessa o povoado; e, sôlta de verão, a água corre límpida e cantante pela rua principal, dando à aldeia, toda cheia de jardins, um raro encanto.

Na torsa da portada da capela da Senhora do Livramento, reconstruida em 1851, vê-se a inscrição seguinte:

Este povo zeloso fez esta obra — só o delegado Afonso...

É que não pagou!

Á falta da Inquisição, recorreu-se, nos meados do século XIX, ao último expediente: apontar do limiar do templo o réprobo á execração dos fieis e à vingança divina!

Passada a ribeira de Múceres, finda a zona do granito. Já, em obras de somenos, esta alterna com o xisto.

Damos volta pelo Linheiro. Olhando o Caramulo, descobre-se o promontorio de Falorca, para os lados do Coração de Maria. E, desde a Ponte de Múceres às cumiadas do Cabecinho da Neve, a floresta trepando!...

Depois da pequena aldeia, vamos pelo amanhadio, saltando regueiros.

E entramos na Cortiçada por um pontão sôbre o rio.

São quási seis da tarde.

Recebe-nos festivamente o professor António Galhardo. E jantamos alegremente, em família.

A região de Besteiros sofreu há meio século uma grande crise. Homens e mulheres deram-se à embriaguês e ao jôgo.

Enquanto a filoxera perdia as vinhas, a tuberculose, a sífilis e a loucura devastavam a população. As melhores fortunas aluiram, as melhores famílias decairam moralmente.

Grande parte dos bens foram hipotecados à gente da Serra, cujas virtudes se mantinham sempre pela viva disciplina do trabalho.

O exemplo desta conduta frutificou, e foi na aliança de mil casamentos que se saldaram todas as dívidas dos da planície aos da montanha, alicerçando nova era de prosperidade.

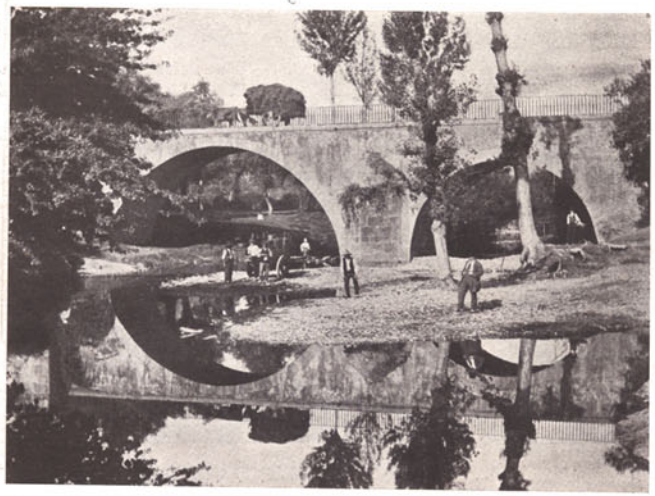
O Vale de Besteiros é hoje, mais do que nunca, mansão de abundância e de paz.

Partimos pelo luar. Vamos a Tourigo pela estrada nova.

Passamos a ponte de Cresteja, Vale de Espinho, Ponte da Moiteira e Alagôa.

Na Ponte do Forno atravessamos o rio Tijosa, que se reüne ao Criz no Terrastal.

Perto, confluem a ribeira da Cortiçada e a ribeira do Coelhoso ou do Carvão.



A Ponte de Vale de Açores em Mortágua

VIAGENS NA

Através das altas

Quando chegamos ao Barreiro, são nove horas. A estrada segue só até ao Enxial. Aí, continuamos pelo caminho carreiro. Aos tropeções, entre silvedos, vamos andando, como Deus é servido.

Vale de Mua, Tintoleiro... Dos campos sobe, refrescante, o brumaçal. As rãs que coaxam nas poças e os grilos que cantam na vereda, á nossa passagem, quedam-se. Nas moitas, pássaros, espantados, tontamente esvoaçam.

Que importuno animal é o homem nesta solidão!

Tendo abandonado a natureza, deixando os rústicos cabanais — onde vivia quási de igual para igual com as feras dos montes, as árvores dos bosques e as aves do céu — o bicho humano despaïsou-se, e, ao voltar das cidades, com o seu bordão de viajôr, nenhuma alimária ou planta o reconhece. Temido ou temendo, é, irresgatàvelmente, o engeitado da terr-mãe.

Assim, na noite estremeço, avistando a alguns passos, como avejão que vai agredir-me, um carcomido tronco de carvalho!

E, adiante, é uma velha oliveira que sôbre a azinhaga atira um galho sêco, como enristada lança...

Entramos no Tourigo, a horas a que tudo dorme. Empurrando, porém, o portão do Inácio, vemos resquido ardente na fornalha do alambique. Há pouco ainda, pois, gente da casa se deitou. Ao lado, cinza quente na pilheira anuncia fornada. O cheiro de pão novo vem até nós, convidativo.

Mas portas e janelas herméticamente cerradas! Batemos, tornamos a bater...

Emfim uma luz brilha!

E do sono pegado e profundo, dêstes sedativos, reparantes sonos com que Nosso Senhor consola quem trabalha — e tanto o cavão que moirejou de sol a sol como o poeta que levou todo o santo dia caminhando por montes e vales, absorto na contemplação da sua divina obra — só ressurgimos pelas sete da manhã.

É domingo. Passa gente para a missa. O sol pontifica há muito...

Sentamo-nos no jardim, debaixo do parreiral. Um cortiço enche a quadra de zumbidos de abelhas...

Perto, o Cabeço da Cunca, todo coberto de pinheiros direitos como círios. E, adivinhando o meu pensamento, encontrando o meu admirativo olhar, mestre Inácio diz, no seu orgulho de proprietário:

— Fui eu que os semiei. São velas!

E, de facto, as agulhas verdes, retintas, doiram-se de luz; os pinheiros parecem arder ao sol...

É já tarde, quando nos pomos a caminho.

NOSSA TERRA

serranias da Beira

Pela Portela vamos demandando terras de Mortágua.

Descemos a Vale da Trapa, sôbre a ribeira da Marruja, que, á Chã, desagúa no rio Mau. Pela lomba sobranceira vai uma fila de lascões a despenhar-se...

Á direita reaparece o Caramulo.

Subimos a vertente da linha montuosa que corre de Vale da Ponte ás Pizoarias Dêstes cimos descemos depois por um carreiro de cabras para o rio Mau, que atravessamos á Ribeira da Várzea, e que cai no Criz, abaixo da povoação do Rio Milheiro, nas Poldras de S. Joaninho, passando pela Mariota. E trepamos de novo á Portela de Vale do Milho.

Desde Tourigo, os montes, todos boleados, á simples vista denunciam o xisto, que os agentes meteóricos fàcilmente modelam. A grande massa paleozoica alcança Albergaria, Águeda, Anadia, Penacova, Santa Comba e Tondela, com uma só mancha de ceanozoico pleistocenico nas várzeas de Mortágua, e propaga-se, passante as baixas de Miranda, Louzã, Arganil e Coja, até Seia, Covilhã, Fundão, Castelo Branco, seguindo o curso do Tejo por Espanha dentro, interrompendo-a, aqui e além apenas, rápidos tractos de silúrico, de oligocénico e miocénico.

Meia hora levamos, na solidão, palmilhando colinas, subindo e descendo, oprèssos sob o limitado horizonte, castigados da soalheira e do pó. Calcamos uma gadeirinha. Mortalmente ferida, ergue as patinhas, súplice. Que pena faz a sua dôr!...

Nos vales, milharais e raros vinhêdos. Nos cimos, pinheiros.

Á Portela de Motazel, emfim, avistamos mundo. No primeiro plano fica a serra dos Calvos, que desce para o Sobral. Ao fundo desdobram-se as de Tojeira e Marruja,

Sucessivas elevações e depressões se estendem até á Bairrada; abrigados pelo relêvo, cujos primeiros debruns são, para êste lado, formado pela serra dos Palheiros, ficam Mosteirinho, Frágua, Boi, Linhar de Pala, Paredes e Laceiras. À esquerda, para nascente, corre o contraforte da Felgueira, que começa no rio Mau e termina em Vila Gozendo.

Avista-se, bem longe, a Estrela.

E, dominando, a norte fica o Caramulo cimeiro, o Caramulo granítico, do qual se desatam estas cadeias de montes, à aba dos quais se estendem o Vale de Besteiros e, transposto o planalto de Santa Comba Dão, às várzeas de Mortágua.

Agora é sempre a descer. Entrámos na estrada n.º 79, em construção, cujo último trôço, no concelho de Tondela, deixámos antes de Tourigo.

Vai ela aqui, por uma lomba, entre o Fontão e a Fraga. Para além de Fontão fica o braço principal da serra da Felgueira. Segue-se a do Chão-Miudo. Para sueste abate-se o terreno depois, produzindo pequenas ondulações, que culminam nos cêrros do Carvão e acabam a Chão de Vento, em frente da linha férrea da Beira-Alta, num vale que delimita a bacia do rio Mortágua. Já a vertente sul da serra de Gontinho pertence ao Criz.

O Rio Zêzere na Serra da Estrela

Vamos ladeando a Fraga, que descái, íngreme e adusta, sôbre o rio, formado pelas ribeiras dos Calvos e de Mortazel, nascidas no Arinto. Póvoa do Sebo fica na margem direita.

Como estão nus os montes! Todo o arvoredo foi destruido pelos incêndios. E mesmo os arbustos são cada ano ceifados pelos fogos que os pastores lançam, para renovar a ceba do gado — as queimadas não ofendendo as raizes profundas do medronheiro, do tojo e da urze.

As cinzas, arrastadas pelas chuvas, fertilisam os valeiros. Mas que pequeno ganho, se o compararmos com os singulares benefícios de um revestimento florestal que se propagaria, mesmo espontâneamente, semeando os primeiros pinhais nos altos morros! Além da regularisação das torrentes, tão favorável às culturas, que riqueza em lenha e madeiras de construção!

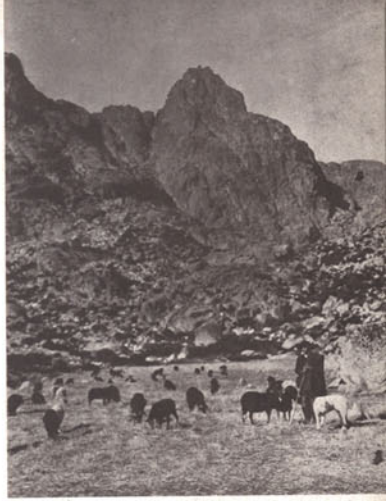
A primeira vez que passei nêstes sítios, há vinte anos, foi sonhando com léguas e léguas de matas, com estradas e com fábricas, para as quais se aproveitaria a energia hidraulica, sendo, como é nalguns pontos, facílima a barragem.

O macadam já hoje estría o êrmo. E se algum engenheiro, de entre os muitos que por Lisboa estanceiam e que o Estado paga em dia, viesse por aqui dar um passeio?...

Das serras do Pereiro e da Picota, que prolongam a dos Calvos, descem gretões, entufados de carvalhais e sobrêdos.

A Montanha é a padroeira da Planície; o solo, o clima, o regime fluvial, todas as suas culturas são criações daquela; dela dependem os vegetais, os animais e o homem. Se a Serra se despovoasse — mortas as aldeias, abatida a árvore e a casa, desnuda e deserta — a Planície, entre as temerosas cheias de inverno e as horríveis secas de verão, sofreria todos os flagícios. Pode dizer-se que tal será a Montanha, tal será o País!

Cântaro Magro na Serra da Estrela



Tôda a Fraga se patenteia, correndo em precipício ao rio, que deriva, a cem metros de profundidade, em apertados torcícolos, rasgando impetuosamente leito na penedia. Pitorescas azenhas se debruçam entre amieiros e salgueirais. E os colmados, do polvilho da farinha, parecem cobertos de neve. Nas várzeas de Mortágua, que já perto se avistam, o verde dos milharais, cortados de mil regois, sob a zina do calôr, estende-se em onda deleitosa.

Brisas perfumadas, murmúrios de linfa, gorgeios de ave, zumbir de abelhas, sombras de arvoredo — meu Deus! que mais?

E o sol doira frégo e rio!...

LOPES D'OLIVEIRA.

Artistas que não voltam mais!

Rosa Damasceno no Amigo Fritz

O Teatro de hoje — digam o que disserem — chegou à mais deplorável situação que poderia imaginar-se. Não há peças, não há artistas nem há público.

Paralizou o talento? Não. Os tempos é que são outros, muito outros...

Hoje em dia reünem-se dez ou vinte autores para adaptar uma peça francesa, espanhola, ou belga que, dividida em duas sessões, dá dois actosinhos escassos de graça, de enrêdo e originalidade. Mete-se-lhe um fado, enfileiram-se duas dúzias de coristas que em linguagem dinâmica se chamam *girls* e desfraldam-se uns cenários em que a perspectiva é vergastada com tanta impiedade que até as casas e as árvores parecem querer fugir

Carolina Falco no Tio Milhões

como acossadas por um terrível vendaval.

Pobre Teatro de hoje!

Saüdoso Teatro de ontem!

Desgraçadamente para todos, os dirigentes do Teatro Moderno vão-se escapando cada vez com maior facilidade à prova irrefutável dos contrastes, isto é, vão morrendo aquêles que viram representar, algum dia, em Portugal.

Poucos se recordam hoje da eterna ingénua de voz de oiro que foi Rosa Damasceno e da actriz genial que foi Ana Pereira tão sumida nas névoas do passado que mal se evoca já o seu nome glorioso!

Tudo passou!

Vem a propósito citar um episódio que

Angela Pinto

envolveu estas duas grandes artistas e o empresário Francisco Palha. A cena passava-se no Teatro da Trindade, de tão gloriosas tradições, e que, à semelhança dos astros que fulguraram no seu palco, não tardará a desaparecer para sempre.

Francisco Palha puzera em ensaios a peça *Gata Borralheira*, devendo fazer o príncipe a actriz Rosa Damasceno e a *Gata* a sua colega Ana Pereira.

Verificou-se, no entanto, que os papeis estavam trocados, pois ninguém faria melhor o príncipe do que Ana Pereira que parecia talhada para êle.

Mas como havia de efectuar-se a troca, se Ana Pereira estipulara no seu contrato, como condição essencial, não fazer papeis em que tivesse de mostrar as pernas, nem mesmo revestidas de *maillot*?

Ainda assim, o Palha tentou demovê-la de tal propósito que, não passando dum capricho fútil, podia deitar a perder todo o trabalho realizado.

Como a Ana não se conformasse, alegando a letra do contrato, o Palha apresentou, por fim, o seu ultimato, e tão habilmente, que deveria dar resultado.

— Pois bem — declarou êle com voz trémula de emoção — se a peça caír como tudo leva a crêr, visto estarem trocados os dois papeis principais, eu fecho o teatro e dissôlvo a companhia. Vê agora tu, minha querida Ana, a quantidade de gente que fica sem pão em resultado dum capricho teu.

— Mas o contrato? — teimava Ana já um pouco abalada.

— O contrato modifica-se.

— Então não se respeita o que está escrito?!

— Respeita-se tudo. Mas se nós, de mútuo acôrdo, o modificarmos, tudo ficará legal. Depois que tem que tu mostres as pernas? A Rosa não as mostra?

— A Rosa tem outro feitio.

— Aqui só se trata do feitio das pernas. E não me parece que as pernas da Rosa sejam mais belas do que as tuas. Isto calculo eu, porque nunca as vi... Dar-se-á o caso que tenhas qualquer aleijão sem a gente dar por isso?

— Oh! isso não.

— Então porque hesitas? Olha, Ana: tão certo como eu chamar-me Francisco Palha, se a peça não der por causa da tua caturrice, fecho o teatro e dissôlvo a companhia. Tu fàcilmente encontrarás contrato porque vales. Faço-te essa justiça. Mas os outros, os pobres artistas que ganham aqui o seu pão quási anonimamente? O que será dêles? Ana, é por êles que te peço que não insistas no teu propósito.

— Bem. Pois farei o papel de príncipe — declarou Ana tão convencida como emocionada.

O astuto empresário também sabia representar quando era preciso.

Nos últimos tempos de Ana Pereira, quando esquecida e cheia de dificuldades, agonizava numa casinha ali para a rua do Rato, a artista contou-nos êste episódio, indo buscar um chale negro com que envolvera as pernas até entrar em cena. Conservava-o como uma relíquia preciosa.

— E depois, D. Ana? — preguntamos-lhe.

— Depois — respondeu a gloriosa velhinha — quando chegou o momento de entrar em cena atirei com o chaile para cima duns caixotes, entrei no palco, e esqueci-me de que tinha pernas!

Saüdosos tempos êsses.

Seguiram-se outras peças como o *Bocácio*, o *Fausto Petiz* em que a artista mostrava as pernas, e sempre com os mais entusiásticos aplausos das plateias.

E' que a razão dêsses triunfos não estava, como hoje, na beleza fidíaca das pernas; estava na perfeição arrebatadora do talento, na arte impecável de representar.

Tudo passou!

Já lá vão Carolina Falco, Emília dos Anjos, Cinira Polónio, Fantoni, Angela

Em cima: *Regina Fa[illegible]*; *Emília dos Anjos*

Catarina Fantoni

Pinto e tantas outras, tantas outras, tantas...

Fantasmas queridas que não mais voltarão?

Confessamos que, por vezes, ainda acalentamos uma tal ou qual esperança na ressurreição destas mortas queridas. A transmigração das almas não será um facto?

Pelo menos, é uma adorável teoria que nos embala no nosso sonhar e nos refreia nos momentos mais aflitos do desespêro.

Mas, ao cabo de tanto esperar, chegámos à conclusão de que essas almas eleitas são como a flor de lotus que apenas viceja de cem em cem anos...

Ana Pereira na Noite e Dia

Nada mais teremos a esperar... Quem tiver paciência, que se vá entretendo com os hiper-filmes dêstes tempos hiperbólicos que correm.

E nada de evocações, para evitar saüdades.

O que lá vai, lá vai... e coração ao largo!

Mas, se em face das exposições retrospectivas do nosso Teatro, alguem se lembrar dessas gratas figuras, fiquem certos de que elas não voltam mais!

GOMES MONTEIRO.

Cinira Polónio

O romance histórico passou de moda — e ainda bem.

Não se compreende que fôsse necessário deturpar a verdade para dar mais realce ao desenvolvimento das cenas quando o romancista nada mais teria a fazer do que narrar, mais ou menos empoladamente, os factos, mas sem os alterar.

No ano 1843 a Imprensa Nacional editou um "romance histórico, traduzido em português", e intitulado *O Marquez de Pombal ou o attentado de 3 de Setembro de 1758*.

Ali se coloca D. Teresa Távora, amante do rei D. José, como sendo filha duns antigos amores de D. Leonor com o marquês de Pombal, e que o marquês de Távora não teve dúvida em perfilhar ao desposar a mãe!

Eis um trecho elucidativo:

"No dia seguinte pela manhã, o marquês de Pombal passeava pausadamente no seu gabinete. Ignorava ainda que D. Teresa tivesse sido complicada por uma terrível fatalidade na acusação que pesava sôbre tôda a sua família. O rei, desde a véspera, estava num estado de exaltação e sofrimento, que não permitia, nem ainda aos seus mais íntimos confidentes a licença de entrada no seu aposento. Os grandes acontecimentos ocorridos, o perigo que corria D. Leonor, a quem tinha amado, eram bastantes para sugerir ao homem de Estado bem sinistros pensamentos. Uma ideia grata veio, ao menos, romper o fio daquelas penosas sensações.

— Para o futuro — dizia consigo — não me apartarei de minha filha, da minha querida Teresa. Prometeu-me vir morar neste palácio, a meu lado, ao lado de seu pai. Para o futuro, cada dia terá para mim alguns instantes de felicidade. Já não estou só neste mundo.

Naquele momento entrou um criado trazendo, sôbre uma salva, cartas e um despacho timbrado com o sêlo real. Êste despacho continha novas mercês e novas rendas. O rei havia-o firmado na véspera pela manhã, poucas horas depois do atentado, de que tão milagrosamente havia escapado.

Frente aos juízes

— Ainda mais títulos, honras e riquezas! — disse com alegria — ainda mais uma condecoração para o peito, uma nova côr para as librés da minha casa, novos feudos para acrescentar ao meu nome! Mas agora não quero menospresar essas vãs honras. Talvez minha filha se satisfaça com elas, e me ame ainda mais.

Anunciaram ao marquês de Pombal que o tribunal da *Inconfidência*, que instruía o processo de alta-traição, ia reünir-se, e reclamava a sua presença.

O ministro, antes de ir assentar-se no tribunal, dirigiu-se ao Convento das Grilas, e penetrou na cela que servia de prisão à marquesa de Távora.

D. Leonor estava recostada, e contemplava um quadro que tinha, naquele momento, a expressão da piedade exaltada dos cristãos da primitiva igreja, que se compraziam em insultar os seus verdugos para tornar mais cruéis os tormentos.

— Senhora — disse Pombal — o tribunal, em que certas considerações podem influir bastante, pronuncia hoje a sua sentença sôbre o crime de que sois cúmplice. Amanhã a causa subirá ao tribunal supremo, onde só fala a lei. Venho recolher de vossa própria bôca tôdas as razões que podereis alegar em vossa defeza, tôdas as circunstâncias por mais ténues, que sirvam para modificar a gravidade da acusação que pesa sôbre vós, para que eu mesmo as faça valer diante dos juízes, por quem a minha voz pode ainda ser escutada.

— A vossa generosidade é muito tardia, marquês de Pompal — respondeu D. Leonor com indiferença — e só pode ser considerada como um acto hipócrita.

— Agora não se trata de sentimentos pessoais — disse o ministro — pensai, marquesa de Távora, que eu não sou aqui mais que o representante de uma nação inteira, atacada na pessoa del-rei D. José I pela vossa criminosa tentativa, e que vós não sois minha inimiga senão porque sois inimiga do rei...

— E quem pode ser inimigo de D. José? — interrompeu a marquesa com ar de desprêso. Que outra coisa mais é o vosso D. José, do que uma sombra de rei, uma efígie de soberano, que se adorna com o ceptro e a corôa, porque essas são as insígnias, que os portugueses querem ver brilhar nas cerimónias públicas, não se importando se o seu inocente monarca, longe de tratar dos negócios do reino, se ocupa ùnicamente de ouvir temperar as cordas do seu alaúde? O verdadeiro senhor do Estado, sois vós, marquês de Pombal, e, defendendo a causa de D. José, não fazeis mais do que defender a vossa. Não disse ontem o duque de Aveiro no interrogatório que "não se queria atentar contra el-rei D. José senão para destruir o poder do rei Sebastião"? Eis o que significam os tiros dirigidos contra o côche do rei. E vós o sabeis tão bem como eu.

— Senhora, os momentos são por extremo preciosos para os perder em discussões inúteis. Quaisquer que sejam os motivos dessa criminosa emprêsa, a sentença que vos ameaça é a única coisa que vos deve ocupar por ora. Dai-me os meios, se alguns podem haver, de poder aniquilar essa sentença.

— E para quê? — disse D. Leonor com indiferença — há já muito tempo que estou preparada para o martírio, e tudo me prova que seria inútil qualquer diligência para o evitar. Tem-se-me, por vezes, censurado a minha devoção, em demasia exaltada e talvez igualmente intolerante: sem dúvida que essa devoção me foi inspirada pela Providência que prevê todos os acontecimentos para me proporcionar o valor necessário, a fim de suportar a sorte que me está reservada. Desde que a minha juventude se viu manchada e degradada — sabeis a causa — nunca mais pude atender para as coisas dêste mundo. No palácio, em que tanto tempo participei das grandezas do vice-rei da India, na nossa magnífica habitação de Lisboa, tenho vivido sempre como num mosteiro. Os meus vestidos jamais apresentaram senão a côr modesta e sombria da penitência. Certamente que já pressentia o grande sacrifício que tinha, um dia, de cumprir: e ainda não era bastante uma vida inteira de preparação para êste acto supremo.

— D. Leonor! por vosso próprio bem, pelo bem de tôda a vossa família, renunciai por um momento a êsse cruel fanatismo: ajudai-me a salvar-vos.

— Renunciar?! — respondeu a marquesa com veemência — nunca! esta devoção áustera, esta fé sem limites num Deus vingador não procede talvez de outra causa que do ódio profundo que me inspirais.

— Desgraçada!

— E quereis que renuncie à morte, quando a morte me vai vingar do meu inimigo?

E acrescentou com um sorriso horrível:

— Não, marquês de Pombal, reüni os vossos juizes, adornai com o sêlo real as vossas sentenças de morte, preparai os vossos patíbulos, os vossos instrumentos de tortura, acendei as vossas fogueiras que consumirão até à médula os nossos ossos, invocai os ventos que dispersarão as nossas cinzas. Tudo isso é sobremaneira grato ao meu pensamento, porque vós sofrereis tanto como nós; porque êsses cadafalsos, êsses tormentos, essas chamas, também serão preparadas para D. Teresa — a vossa querida filha.

Após a sentença

— D. Teresa não será jámais acusada — exclamou Pombal, lançando sôbre a marquesa olhos inquietos.

— Então ignorais a verdade? — preguntou esta com uma alegria que sobrepujava ainda a sua admiração — bendito seja o Senhor que me concedeu a satisfação de anunciar-vos que a sorte da condessa da Atouguia será a mesma que a de todos nós, e que participará do suplício como tem participado das nossas convicções e das nossas esperanças.

— D. Teresa tem participado das vossas odiosas e bárbaras preocupações? — inquiriu o ministro com a mais violenta indignação — ela envolveu-se nas vossas infernais maquinações? quiz, porventura, a minha morte e a de D. José? É falso, senhora, é falso! Mais acreditaria que a estrêla da manhã tivera perdido o seu brilho.

D. Leonor pareceu gosar por um momento da perturbação de Pombal; depois disse friamente:

— Contudo, nada é mais certo: ela própria declarou que pertencia ao nosso partido. Foi presa, e em breve será condenada comnosco.

— É impossível!

— Acreditareis que os vossos juizes, enternecidos, percam o seu tempo para medir a maior ou a menor culpabilidade de uma infeliz jovem? Além disto, não é ela também uma Távora?

— O vosso ódio céga-nos, senhora — disse bruscamente o ministro levantando-se — tomais como realidades os sonhos da vossa imaginação enferma.

— Olhai.

E, ao mesmo tempo levantou D. Leonor a cortina da grade que cobria as janelas, e, através dos ferros, apontou-lhe a cela vizinha onde D. Teresa, em trajos de penitência, e com os cabelos cortados, estava sentada num banco de pau, e de olhos no céu em desesperada atitude.

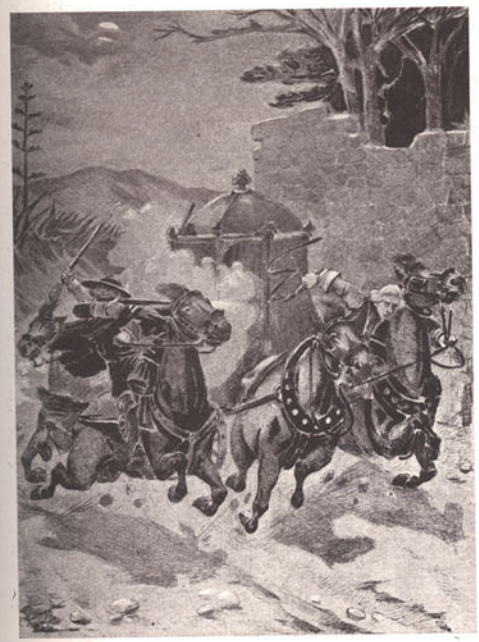
Pombal perdeu a côr, e, vacilante, encostou-se à janela, sem poder articular palavra.

E a marqueza afirmou:

— Como ela estava bela quando a trouxeram ontem para esta prisão! Para não chorar tive de me lembrar de...

— De que era minha filha? não é verdade, senhora?

— Sim, Sebastião de Carvalho. Este último golpe terminará a luta começada entre nós há tantos anos. Mas desde já posso dizer que sou eu que triunfo e vós sois o vencido! Vou morrer, mas vós vivereis para sofrer: tôdas as minhas penas vão acabar pela mão do algoz, ao passo que vós ficareis nesse abandono do coração que tem amargurado sempre a vossa existência. No fundo do seu calabouço a pobre cativa, condenada à morte, triunfa do poderoso ministro de um grande reino. Sim, marquês de Pombal, pertence-vos invejar a minha sorte: tenho um espôso, dois filhos, uma filha para morrerem comigo; vós não tendes um só amigo para viver convôsco.



O atentado

Pombal ficou ainda por alguns instantes aterrado debaixo daquele inesperado golpe. Depois, parecendo saír daquele aniquilamento, e sem pronunciar uma palavra, lançou um olhar de desprêso a D. Leonor, e saíu da cela.

Qualquer outro pai, em seu lugar, teria empregado logo toda a sua autoridade para livrar, no mesmo instante, a sua filha; mas num homem como Pombal a razão não cedia inteiramente ao sentimento, ainda o maior. Sabia que, não obstante todo o seu poder, não lhe era permitido penetrar no santuário do convento contra a vontade das religiosas, e que a condessa da Atouguia, tendo ali sido encerrada por órdem do rei, só o rei a poderia mandar libertar.

Voltou, pois, ao seu palácio, a fim de dispôr os meios de livrar a pobre cativa...

O romance termina por D. Teresa ser envenenada pelo padre Malagrida — urdidor do atentado! — exalando a desventurada o derradeiro alento momentos antes de chegar o auxílio do marquês de Pombal.

Ora, a verdade é que D. Teresa era cunhada e não filha da marquesa de Távora! A História aponta-a como "uma gentil senhora, bastante leviana, que, segundo todas as probabilidades foi amante do rei D. José, ou que, pelo menos, lhe aceitava a côrte". Diz-se até que na noite do atentado voltava o rei de casa de D. Teresa. Depois do suplício de seu marido e das outras pessoas da sua família, ela nada sofreu, sendo apenas encerrada no convento das freiras do Rato, talvez com a ideia de em breve a soltarem, mas o rei parece que depressa se esqueceu dela, pois no convento passou o resto da vida, falecendo, segundo se diz, na maior miséria.

Hoje em dia, a História sofre também, por vezes, tratos de polé, quer pela ignorância dos pseudo-historiadores, quer pela sua má fé. E o pior é que, não satisfeitos com tais vandalismos, ainda se arvoram em críticos de altíssimos espíritos como Alexandre Herculano, o mestre excelso que todos deveriam ter sempre bem presente!

E assim se escreve a História!

D. Teresa de Távora, filh
do marquês de... Pombal!

A execução da marquesa de Távora

CERTO ministro era continuamente assediado por um pedinchão de lugares que o não largava.

Um belo dia, morrera um alto funcionário e o postulante veio fazer a sua visita quotidiana e aventou:

— Senhor ministro, eu não poderia obter o lugar do defunto?

— Eu lhe digo — respondeu o ministro. — É questão de experimentar... a ver se cabe dentro do caixão!...

■

— O que tem, D. Efigénia?

— Não sei!... O meu marido acaba de morrer duma congestão... estamos hoje a trêze... e temo que ainda não acabe o dia sem alguma sensaboria!...

■

Rosinha, com seis anos precoces, interroga sua mãe:

— Ouve lá, mamã. Se eu, quando fôr

O «detective» convidado: — *Vejo que mudaram de cozinheira. As impressões digitais não são as mesmas...*

crescida, me casar, hei de ter um marido como o papá, não é verdade?

— É sim, minha filha.

— E se não me casar hei de ser assim como a tia Bárbara?

— Sim, meu amor!

— Ai, mamã!... Que desgraçadas que são as mulheres!!!

■

Num teatro. Chamam repetidamente, enquanto o pano desce:

— O autor! À cena o autor!...

— Senhores: a obra que tivemos a honra de representar é original do sr. Fulano, que faleceu há oito dias.

Uma voz:

— Não importa! Que apareça!...

■

O freguês, fleumático até à última, chama o criado do restaurante e pregunta:

— Rapaz. Há meia hora que pedi um bife... Diga-me uma coisa: foi você que se esqueceu, fui eu que já comi o bife ou ter-me-hia esquecido de o pedir?

HUMORISMO

Um pintor, que se propunha pintar um santo, preguntou a um sujeito que lhe servia de modêlo:

— Que lhe poderei eu pôr aí na mão, que lhe dê o aspecto de um homem completamente feliz?

— Ponha-me meia dúzia de libras.

■

Entre marido e mulher:

Ela — Então, essa surprêsa que tu dizias preparar para o dia dos meus anos?

Êle — A surprêsa?... A surprêsa é que te não posso dar nada êste ano.

■

Numa agência de criadas:

— Desejava uma cosinheira que fôsse capaz...

O dono da agência — Tenho aí umas poucas que são capazes de tudo.

■

— Joãosinho!... Estavam três pasteis na dispensa e agora está um só!... Como foi isto arranjado?

— É que... estava lá tão escuro... que, êsse, não o vi!...

■

O professor: — Se me não disser quem desenhou aquela caricatura na pedra, dou-lhe meia dúzia de palmatoadas.

O aluno: — Pois dê, à vontade! Isso

Os problemas da circulação. — O polícia: — *Isto é um peão ou um carro?*

não será nada comparado à sova que me daria, se eu o divulgasse, o rapaz que fêz o desenho.

■

Na esquadra de polícia, o burlão explica-se:

— Não nego que paguei com uma nota falsa. Mas também as meias eram de imitação de sêda...

Um bêbedo vai por certa rua, recolhendo a casa e topando, pela frente, com um sujeito qualquer, vai de encontro a êle com certa violência.

— Você não vê, seu bêbado? — grita o atropelado.

— Não vejo?... Até vejo dois de vocemecê em lugar de um!...

— Então porque veio de encontro a mim?

— É... porque... queria passar entre os dois!...

■

— O maroto do seu filho atirou-me com uma *grandessíssima* pedra!...

— E acertou-lhe?

— Felizmente... não!

— Então... não era o meu filho!...

■

Entre boémios:

— Porque foi que não quizeste dar ao Gervásio o nome da rua e o número da

— *Porque é que a nossa amiga Angelina, logo que ficou viúva tratou de se casar outra vez?*

— *É que a natureza humana é muito fraca e não pode resistir à felicidade por muito tempo!*

casa em que moras? É talvez por ser teu crédor?

— Não. Actualmente não o é; mas pode vir a sê-lo qualquer dia.

■

— E a menina, vai adiantada nos estudos?...

— Muito!... Agora anda a aprender francês e álgebra...

— Ah sim?... E com aproveitamento?

A mamã, radiante, para a menina:

— Anda, Lóló... fala um bocadinho de álgebra para esta senhora ouvir!...

■

Diálogo numa sala:

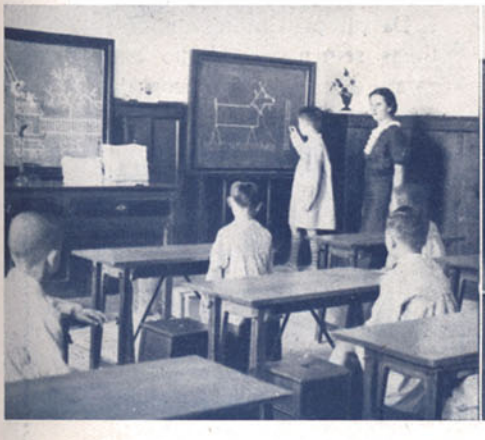
Ela: — Diga-me, Maurício, porque anda você sempre metido com essas mulheres que se vendem?...

Êle: — Porque as que se não vendem custam mais caras!

NOTAS DA QUINZENA

O Grupo de Defesa Submarina da Costa realizou exercícios de tiro e rebentamento de minas tendo assistido o Chefe do Estado, Sub-secretário da Guerra e altas patentes do Exército. A gravura acima mostra o sr. Presidente da República ouvindo uma exposição do comandante do Grupo, sr. tenente-coronel Braz de Oliveira. — *A' esquerda:* O rebentamento de uma bomba de 300 quilos

O Chefe do Estado inaugurando na Sociedade Nacional de Belas Artes a 1.ª Exposição de Frutas e Produtos Hortícolas que patenteou o desenvolvimento da horticultura portuguesa. — *A' direita:* O sr. governador civil de Lisboa visitando a cozinha do Asilo do Lumiar que, como outras instituïções de assistência, lhe merecem a maior dedicação. Estas casas de caridade são subsidiadas pelo cofre privativo do Govêrno Civil



Os exames dos pequeninos alunos no Jardim-Escola João de Deus. Estes exames não tiveram o aspecto rígido e severo das provas oficiais. Pelo contrário. O ambiente foi o mais carinhoso, dando a impressão de que era a alma bondosa do Poeta do «Campo de Flores» que presidia às provas. Os examinandos mostraram o seu aproveitamento sem receios nem hesitações. As suas pequeninas almas mostraram-se cheias de felicidade! Bom seria que êste Jardim-Escola se expandisse como seria para desejar e que todos concorressem para tão benéfica e simpática obra. As gravuras acima apresentam dois aspectos dos exames

Joaquim Alves Pereira, o mais rápido dos actuais corredores portugueses

A QUINZENA DESPORTIVA

ENQUANTO em Portugal o ciclismo sofre dos efeitos da pobreza de critério dos seus dirigentes e vive num marasmo cujas principais excepções têm sido os monótonos circuitos no Parque Eduardo VII, o mundo desportivo seguiu apaixonadamente durante três semanas as peripécias da mais emocionante e acidentada Volta a França em bicicleta de que há memória nos tempos depois da guerra.

A simbólica "camisola amarela» mudou, durante o percurso, seis vezes de possuidor e só foi à posse do vencedor final, Rogério Lapébie, mercê duma série de circunstâncias extraordinárias que provocaram a desistência global da equipa belga, à qual pertencia Silvério Maes, ao tempo primeiro na classificação.

É difícil, é mesmo até impossível, formular a tamanha distância e sem mais informes do que aqueles trazidos pela imprensa extrangeira, sempre disposta a uma visão nacionalista, um juizo concreto sôbre a sequência de determinados acontecimentos. Nunca, desde que a grande prova é organizada no percurso e pelos moldes actuais, a vantagem do primeiro sôbre o segundo fôra tão escassa em tempo, nem tão incerta a sua posição de aspirante a vencedor.

O bloco belga, que em certo ponto do percurso parecia dispôr por completo dos acontecimentos, mantendo embora a mesma união, fraquejava ante os assaltos ambiciosos dos adversários e no facto nasceu um estado de espírito, de tensão nervosa geradora da lamentável decisão que o levou ao abandono da corrida.

Os incidentes que tôda a gente conhece, a irritação popular provocada pelo castigo de minuto e meio aplicado pelos comissários a Lapébie e que a imprensa regional apresentou como um exagero de severidade e um acto facioso, as manifestações de desagrado de que foram alvo os corredores belgas na sua chegada a Bordeus, a penalidade de quinze segundos atribuida a Maes, razões invocadas para justificar a desistência, têm todo o aspecto de simples pretextos que a ninguem convencem.

O respeito pelas decisões dos juizes é a primeira e mais forte base da disciplina desportiva, embora às vezes possam parecer injustas. Recordo um ano em que a caravana da Volta a Portugal foi recebida no Pôrto à pedrada e Nicolau, acusado por uns miseráveis pasquins de favorecido pelos organizadores, vaiádo e insultado por grupos de inconscientes; no entanto, nem o campeão se foi embora nem a prova interrompeu a sua marcha, e o acolhimento do dia seguinte em localidade diferente fez esquecer por completo as amarguras sofridas.

O atleta, e mais ainda o atleta profissional, não tem o direito de desertar por birra ou ressentimento, e muito menos por revolta contra a lei.

Baseando-nos nestes princípios incontestáveis e verberado o procedimento dos belgas, consideramos legítima e brilhantemente conquistada a vitória do francês Lapébie, que nos parece teria triunfado também se prosseguissem na competição Silvério Maes e os companheiros.

A embaixada da Quinzena da Natação promovida por "Os Sports», que em propaganda, do mais útil e belo dos desportos percorreu o país de sul a norte em diários festivais náuticos, constituiu uma das mais importantes iniciativas de divulgação desportiva até hoje levadas a cabo em Portugal.

O empreendimento é tanto mais para louvar, quanto é inegável que foi ditado pelo mais absoluto desinteresse material, em exclusivo propósito de fomentar a expansão da arte de nadar; o ambiente de entusiasmo, quando na melhor das hipóteses se verificou, foi exclusivamente local e para o público de Lisboa leitor do jornal, o espaço ocupado nas suas páginas pelo relato e comentários à Quinzena, era espaço perdido que lhe não prendia a atenção.

Sucedeu que na maioria dos locais onde a caravana se exibiu, houve interesse popular e simpatia oficial; mas nalguns o acolhimento não correspondeu aos sacrifícios da organização, provando o atrazo em que se encontra ainda pelo país a interpretação da mentalidade desportiva.

Neste assunto, como em tantos outros, a educação do nosso povo está ainda por fazer. Quem conhece o desporto apenas pela sua actividade nos grandes centros, formula àcêrca da sua existência e desenvolvimento uma idéa em absoluto errada; são precisas ainda muitas peregrinações como esta da Natação, como as Voltas em bicicleta, como tantas outras de finalidade diversa que seria possivel levar a efeito, para conseguir uma divulgação generalizada e vencer os entraves da indiferença e do preconceito.

Da campanha que ocupou as duas últimas semanas de Julho certamente ficaram resultados práticos dos quais o futuro beneficiará. Demonstrou-se a possibilidade de cultivar a natação desportiva em toda a parte onde exista um pequeno rio, uma piscina ou um tanque, coisas que não será difícil encontrar por essa província adiante, ou também faceis de construir onde ainda não existam.

As atletas do Feminino Portuense a cuja acção muito deve a propaganda do desporto feminino na zona norte do país

A divulgação de certos desportos, como a natação e o atletismo, complemento indispensável da educação física da mocidade, representa uma obra de utilidade pública que os Poderes Oficiais deviam promover ou, pelo menos, patrocinar assegurando lhe assim uma eficiência impossível de atingir apenas pelos recursos da iniciativa particular. Aquilo que "Os Sports» realizou êste ano, não poderá repeti-lo cada época e só a continuidade garantiria o êxito decisivo de semelhantes campanhas de propaganda.

■

A temporada de atletismo, prosseguindo embora na sua actividade por intermédio de torneios de organização particular, teve o ponto culminante da sua existência oficial nos Campeonatos Nacionais de "Seniors», disputados no Estádio do Lumiar com a participação dos melhores atletas de Lisboa e Porto.

A impressão geral colhida nessas competições, atestando a inferioridade da classe portuguesa no confronto internacional, é no entanto lisonjeira no plano de confronto com os resultados dos anos precedentes.

Apezar das péssimas condições da pista e terreno do Estádio, que os mais decididos cuidados de organização não conseguem transformar do que na realidade é, — um campo de futebol em terra batida — as marcas alcançadas pelos vencedores foram na quási totalidade, com três únicas excepções nas corridas de 400 metros planos, 110 metros barreiras e estafeta 4×400 metros, melhores do que os obtidos em 1936 na excelente pista portuense do Lima.

Lucinda Ferreira Rosa, campeã de Portugal de corridas de velocidade

Não é ótimismo afirmar que as duas jornadas dos campeonatos nacionais consagraram a ressurreição do atletismo português, reünindo em competições sempre interessantes um lote aguerrido de atletas perante um público numeroso e entusiasta.

A bancada do Estádio encheu-se no domingo por completo, facto que há dois anos se não registava em Lisboa. Desde o arrelvamento do campo pela Federação Portuguesa de Futebol e a transferência de todas as provas para o terreno das Salésias, as assistências resumiam-se à população local e o fracasso das receitas impedia todo o esforço da iniciativa das entidades organizadoras.

Reinstalado no cenário preferido e, apezar de todas as contingências, o mais propício ao rendimento técnico dos atletas, o atletismo reconquistou as simpatias perdidas e recuperou o atrazo de duas épocas de crise.

O balanço geral dêstes campeonatos apresenta o melhoramento dos "records» nacionais dos 800 metros e do lançamento do dardo e diversos resultados que há muito se não verificavam em Lisboa.

Os clubes da capital conquistaram 14 títulos, o Académico, que foi o único representante do Porto, 3, e Leiria 2. Os 14 campeonatos dos lisboetas distribuiram-se, 7 para o Sporting, 5 para o Bemfica e 2 para o Belenenses; a êste rol falta acrescentar a nota das provas femininas, das quais 3 foram ganhas pelo Femenino do Porto, 2 pelo Belenenses e 1 pelo Sporting.

Se formos analizar o conjunto da actividade anual e quanto contribuiu para o progresso da modalidade, encontraremos a melhoria de 19 "records» nacionais nas diversas categorias, percentagem notável e valorizada pelo facto de sete dêsses "records» corresponderem a provas de estafetas e demonstrarem assim um aperfeiçoamento de conjunto.

Nêste capítulo merece, sem sombra de favoritismo, ser posta em realce a extraordinária proeza da equipa do Sporting, cujos "juniors» bateram o "record» da estafeta 3×1000 metros e cujos "seniors» conquistaram seis dos sete campeonatos de estafetas oficialmente disputados.

SALAZAR CARREIRA.

O grupo gentilíssimo das nadadoras que fizeram parte da caravana Quinzena da Natação. Da esquerda para a direita: Silvina Vieira Alves, Maria Vitória Santos, Zulmira Fragata, Idalina Mendes de Oliveira, Maria Gourinho e Maria de Lourdes Santos. Na frente: Maria Ester Moura Cabral

UMA CARTA PARA GARCIA

PARA me obrigar a descansar, porque sou uma criatura que nunca está quieta, que trabalha constantemente, quer escrevendo, quer fazendo qualquer bordado ou renda, e mesmo em arranjos caseiros, vou de vez em quando sentar-me num cinema.

E entre outros da minha predilecção conta-se o São Luís, onde uma frisa acolhedora me espera.

Converso primeiro um bocado com o pessoal, todo amabilissimo, e vou até o "bar„ tomar a minha chávena de café habitual.

Ali espero que comece e muitas vezes em animada conversa com o Carlos Gameiro, rapaz inteligentissimo, discorrendo qualquer assunto com fluência, e apaixonado por tudo que é belo, irmão do simpático "barman„ da casa, êsse camaradão do Júlio Santos que divide uma bela actividade, entre o São Luís e a sua loja de florista, ali no Chiado.

Uma destas tardes o Carlos tinha na mão um livrinho e chamou-me a atenção para êle, dizendo-me: — Veja isto, que interessante; talvez lhe dê um artigo para a *Ilustração*...

Era *uma carta a Garcia*, um folheto que no seu aspecto insignificante encerra um mundo de coisas preciosas, para quem sabe ver, analisar, e comentar a vida.

Um folheto que está já tão espalhado pelo globo, como a Biblia e como ela traduzido em muitas línguas.

E é realmenfe uma biblia, também. A Biblia do dever social.

Com certeza que muitos dos meus leitores não conhecem *Uma carta para Garcia*, por isso, vou explicar ràpidamente do que se trata.

No tempo da presidencia de Mac-Kinley, houve, como reza a história uma guerra entre os Estados-Unidos e a Espanha.

Quem comandava os insurrectos de Cuba era o general Garcia.

Por conveniencias estratéticas o presidente Mac-Kinley precisava de entrar em comunicação com o general, mas ninguem sabia quem seria capaz de levar-lhe uma mensagem, porque não era fácil chegar às montanhas agrestes onde o famoso chefe acampava.

Até que alguém lembrou que só um tal Rowan seria o portador ideal. Chamou-se o homem e entregou-se-lhe uma carta para Garcia, sem mais explicações.

E a carta foi entregue, num lapso de tempo diminuto para as dificuldades que era preciso vencer.

■

Não conto a odisséa de Rowan atravez de águas e matos, porque o meu propósito não é a história do folheto, mas sim as lições que dêle se podem tirar.

E, como terapêutica da fraqueza de ânimo, indico-o desde já como o melhor tónico.

Porque nós precisamos de retemperar o espírito, que muitas vezes desanima no meio de um trabalho, especialmente quando causas externas parecem querer pôr-nos peias e afastar-nos do fim que nos propuzemos.

É para êsses fracos que eu me decidi a parafrasear a comentar o seu significado.

■

Esta *carta para Garcia*, é um símbolo da energia, da força de vontade, ao serviço da inteligência equilibrada e saudável.

Todos nós na vida, ricos e pobres, temos uma carta para Garcia, temos um dever a cumprir, dever inadiável.

Sem discussão possível e sem admitir razões que o contrariem e desviem do seu objectivo, o homem tem que seguir o seu caminho imperturbável, pronto a derrubar os obstáculos que se lhe antolhem na sua estrada, pronto a combater quem quer que seja que venha opôr-se a que êle atinja o seu fim.

A *carta para Garcia*, deve chegar a tempo e horas, dentro de um determinado praso, sem delongas nem hesitações.

■

Todo o homem-homem está aqui tomado como síntese do género humano, porque à mulher compete igualmente levar a sua *carta para Garcia* — todo o homem que não cumprir o seu dever, directamente, sem paragens desnecessárias, não pode ser considerado o homem integro de capacidade moral.

É um bom portador duma *carta para Garcia* o soldado que no campo da batalha luta pela sua pátria, dando-lhe a própria vida; o sábio que fechado no seu laboratório procura a destruição de várias maselas fisiológicas que afligem o seu semelhante; o estadista que no remanso do seu gabinete estuda o melhor processo para elevar o seu povo no concerto do mundo, e assegurar-lhe principalmente e antes de tudo a tranqüilidade; o operário que trabalha conscienciosamente para ajudar ao progresso da sna terra em tôdas as artes e indústrias, — e a mãe de família que no seu lar labuta o dia inteiro, educando os filhos, remendando os fatinhos que os garotetes estragam brincando, que cuida da sua casa e que tem, quando o marido volta em busca de repouso, cansado e derreado por muitas horas de trabalho honrado, a esperá-lo na mesa a sôpa fumegante e apetitosa e nos seus lábios um beijo carinhoso de bôas-vindas.

Esta *carta para Garcia*, que grande, que proveitosa lição para os preguiçosos, para os hesitantes, para todos aquêles que em face das dificuldades recuam e desculpam o seu desleixo com esta frase de indiferença, que êles pretendem que seja resignação: — *Para quê?*

Para quê?! Para cumprirmos o nosso mandato — o mandato que nos foi dado ao vir a êste mundo e que em nós dormita, à espera de que a nossa razão desperte também e possa compreender a grandeza do nosso destino.

Querem maior bem, maior louvor do que a voz da nossa consciência quando nos grita: — "Bravo! andaste bem! É assim mesmo!„

Alguns dos portadores da sua *carta para Garcia*, chegam a unidades do exército de valores que a história regista em suas páginas, ficam célebres, o seu nome continúa cantado pelos vindouros, no decorrer dos séculos.

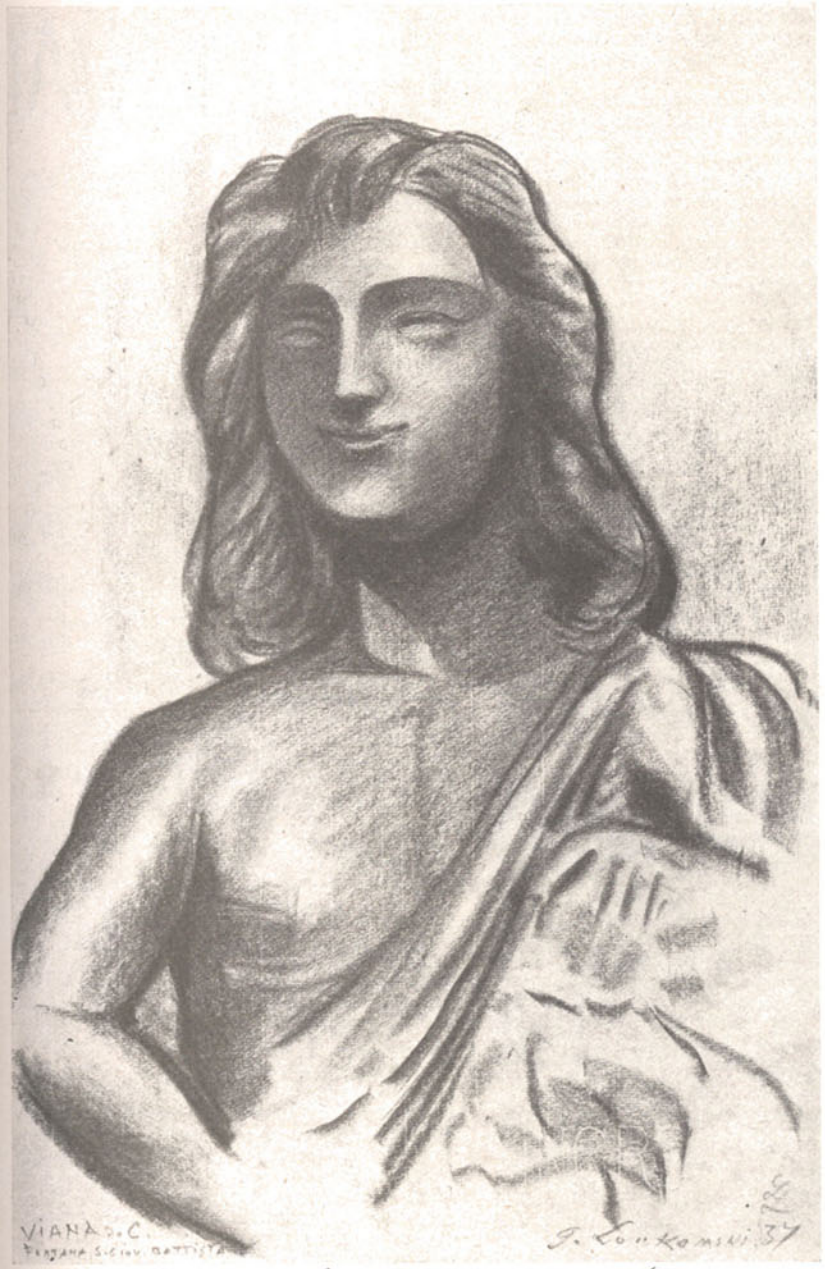
O seu caminho tinha mais jornadas de glória e havia por êle fora muitas testemunhas a fiscalisarem as suas tiradas, que assim tiveram maior publicidade.

Mas nós devemos levar a nossa *carta para Garcia*, sem preocupações ulteriores, unicamente pensando no dever a cumprir.

A vida está cheia de soldados desconhecidos que desempenham a sua missão, sem reclamarem prémios nem honrarias e que nunca passam de soldados razos.

É para esses que vai tôda a minha ternura, porque são êles os melhores portadores duma *carta para Garcia*...

MERCEDES BLASCO.



A imagem de S. João Baptista, na Fonte da Praça da Erva

EXPOSIÇÃO DE Georges Loukomski em Viana do Castelo

GEORGES LOUKOMSKI, o pintor ilustre que tanto se tem dedicado aos encantos do nosso país, realizou uma grandiosa exposição em Viana do Castelo com aspectos desta risonha cidade minhota.

59 trabalhos que focaram flagrantemente o que de mais belo a formosa Viana ostenta.

Um artista como Georges Loukomski, arquiteto e pintor laureado da Academia Francesa e das Academias de Belas Artes e das Belas Letras e Inscrições de Paris, antigo conservador dos Palácios Imperiais da Rússia, sócio correspondente da Academia Nacional das Belas Artes de Lisboa, impõe-se à nossa consideração não só pelos honrosos títulos que o apresentam, como pelas obras primas que saem das suas mãos privilegiadas.

O erudito dr. João da Rocha Páris, vianense ilustre, fez assim a apresentação do artista ao público minhoto, com a sinceridade inquebrantável das almas do Norte que não se perdem em louvaminhas e apenas sabem fazer justiça:

"Tive a honra de iniciar no conhecimento da minha terra o ilustre artista Georges Loukomski que até junto de mim chegou por indicação amiga dum erudito vianense.

"Hoje tenho o prazer de o apresentar à gente culta de Viana, através desta soberba colecção de estudos que as construções e os aspectos da cidade lhe inspiraram e que bem denotam a sua fina sensibilidade e a sua poderosa visão estética.

"Estamos em frente dum grande artista que soube sentir o encanto das pedras dos nossos monumentos, dos nossos pátios, das nossas fontes, dos nossos recantos, dando-lhes vida e marcando-lhes, com a maestria do seu traço firme, aspectos que mais as realçam ainda.

"Arquitecto notável, pintor e historiador de arte, o seu nome é bem conhecido em todos os meios intelectuais da Europa e a sua vasta e variada obra tem merecido o caloroso elogio de todos os críticos.

"Viana do Castelo, que Loukomski ficou conhecendo maravilhosamente, conta nele um apaixonado admirador e a sua autorizada opinião deverá encher-nos de legítimo orgulho e muito contribuïrá, sem dúvida, para até junto de nós trazer outros espíritos, ávidos de belezas que nem a acção do tempo, nem a mão do homem, por vezes mais destruïdora e sempre mais preversa —, conseguiram fazer desaparecer.»

Assim falou o dr. Rocha Páris com a sinceridade e talento que todos lhe conhecemos. De resto, Loukomski tinha conquistado já a nossa estima com os magníficos trabalhos que dedicou a Tomar.

Só por isto, o artista mereceria as nossas mais entusiásticas homenagens.

A inauguração da Exposição no Salão Nobre da Assembleia Vianense

PÁGINAS FEMININAS

CHEGADO o verão, empalanam praias e termas, as férias trazem à população das cidades a ânsia da vastidão do mar, o desejo dos longos repousos sôbre a fôfa e macia areia loira das nossas lindas praias.

Os organismos cansados ou doentes exigem a desintoxicação das termas, dessas águas milagrosas, esplêndidas de que tantos caudais há no nosso abençoado país, onde tôdas as doenças encontram remédio em águas auquadas, que a providência colocou ao dispor do nosso povo.

Mas tanto nas praias como nas termas, não são só os cansados ou os doentes, que as freqüentam, há também os sãos que procuram no verão distrair-se e que nesses pontos de reunião encontram o meio onde o podem fazer, e, que aproveitam os seus ócios divertindo-se.

E' bem natural êste desejo, sobretudo na mocidade que ensameia nas praias ou nos hoteis de águas, trazendo a alegria aos lugares que freqüenta com a sua frescura e viço e com as suas alegres risadas.

Nada mais encantador do que a alegria que a juventude espalha à sua volta, principalmente se essa alegria é expontânea e simples como o deve ser nos primeiros anos de vida.

Mas essa convivência forçada de hoteis trazem-nos às vezes desconsoladoras observações sôbre a educação da gente moderna e principalmente das raparigas e muito também sôbre a irresponsabilidade das mães, que têm filhos novissimos a quem dão ampla liberdade, para gozar por seu lado dessa aspiração de tôda a humanidade, mas que quem cria na vida sérias responsabilidades não pode desfrutar sem faltar aos seus deveres.

A conversa, o fôgo, a dança e até mesmo o «flirt» não deixam de ser apreciadas por algumas mamãs, que têm efectivamente o direito duma relativa mocidade, com a condição de não esquecerem o que a si próprias devem e o exemplo que têm de dar às suas filhas.

A conversa tudo o que há de mais inocente, quando não cai na má lingua que tudo deturpa, e, que é sempre um dos maiores defeitos dêsses estreitos circulos das nossas águas, o fôgo inocente também seria, se não absorvesse tão por completo as senhoras que com êle se distraem e as não levasse a esquecer, que têm filhas muito novas, e, que muito necessitam de ser guiadas na vida, muito mais quando se encontram num meio extranho e desconhecido, a dança é talvez mais próprio das filhas do que das mães e chega às vezes a ser ridículo vêr rodopiar com tanto entusiasmo, mães de filhas casadoiras e maiores, mas enfim não atentemos contra a liberdade das mães de familia e deixemo-las dançar com entusiasmo dos quinze anos.

O que não se lhes pode perdoar é o «flirt» de que algumas abuzam e que por mais inocente que seja é um péssimo exemplo, que dão às suas filhas: as raparigas de hoje têm um conhecimento da vida (e isso não é talvez um mal) que as leva a tirar perigosas deduções, quando vêm a mãe aceitar um «flirt» às vezes já ousado.

E' impossível que não se revoltem e dessa revolta nasce a falta de respeito que torna o bolchevismo uma realidade dentro da familia, a mãe que usa e tem por distracção o «flirt» perde o direito moral de dirigir qualquer censura à filha, que por sua vez se distrai flirtando. E quantos inconvenientes, quantas desgraças mesmo não surgem na vida, diante dessa distracção, que a mulher que deseja ser moderna aceita e que torna a família um foco de insurreição.

Ridículo o marido que, para não ser bota de elástico, consente nessa distracção, lastimável a mulher que só nessas futilidades perigosas encontra a distracção, e tristemente para ter piedade dos filhos que recebem tão tristes exemplos.

A mulher que é mãe tem de abdicar de certas distracções, que embora aceites no código moral, da vida moderna, são sempre para censurar, porque é dessa aceitação duma... chamemos-lhe moral nova que vem o descaminho que a sociedade toma.

E' pelo mau exemplo recebido, que se vêm na praia raparigas quási nuas, numa falta de pudor aflitivo, tomar as mais livres atitudes e e uma maneira de conviver com os rapazes quási chocante.

São êsses exemplos que nos mostram raparigas de vinte anos dançando em hoteis e casinos, com o vestido em cima da pele, as costas nuas com ar de bacantes, que tira todo o encanto à sua viçosa mocidade.

E a quem atribuir tôdas os desmandos da rapariga, que pelos seus poucos anos de idade é irresponsável? A' mãe, que quando casou e foi mãe assumiu as maiores responsabidades da sua vida de mulher. Responsabilidades morais do mais alto alcance, que não podem nem devem esquecer de modo algum.

A mãe tem de ser um espelho para a filha, tem de assumir aos seus olhos o aspecto da perfeição, para poder aconselhá-la na vida, guiar os seus passos dirigir e orientar a sua conducta, e, a mãe, que permite que a sua filha se vista como uma «cocotte» e se exiba sem correcção, comete um crime contra a sociedade porque contribui com a falta de cumprimento do dever, para a desorganização social que convulsiona o mundo.

A mulher que é mãe deve viver para cumprir o seu maior dever na vida, dirigir e orientar a sua filha para que seja mais tarde por sua vez uma espôsa e mãe exemplar.

MARIA DE EÇA.

A moda

EM pleno mês de Agosto a moda é a que se usa nas praias e mais do que nunca, neste mês se faz a vida ao ar livre, e só nos Casinos, à noite, se vêem «toilettes» elegantes, de resto a elegância está circunscrita ao «maillot» aos «smokings», que êste ano se envergam sôbre o «maillot» que já não está sendo a última palavra e que se usa apenas para a natação pois que os médicos mais do que nunca recomendam que se não exponha a pele ao contacto do sol imediatamente, pois que a queimadura resultante, dessa forte luz sôbre a pele, que a ela não está habituada, pode ter graves repercussões na saúde.

O banho de sol é óptimo para a saude, nada de melhor, mas cuidadosamente feito e lembremo-nos que nem a tôdas convém e que é uma questão de moda, que se não deve seguir cegamente e sem conselho médico.

Já o ano passado se começou a usar «diaphéa» uma espécie de bata em «organdi» transparente que se veste sôbre o fato de banho e que deve ter uma côr viva; côr de laranja, vermelho, ou roxo e deixa penetrar a luz sem queimar a pele e que é muito para recomendar principalmente nos primeiros dias em que se vai à praia. Damos um modêlo de «toilette» de praia nêste género de grande elegância e muito prático.

Sôbre o gracioso fato de banho, é original com uma aba sôbre os calções e num lindo tecido de malha de lã amarelo e vermelho, uma «diaphéa» em «organdi» vermelho. Na cabeça um enorme chapéu em palha seguro por fitas em setim «ciré» vermelho. «Toilette» prática e linda para a praia preservando do sol.

Mas nas praias não podem de maneira nenhuma ser esquecidas as crianças a quem ela convém mais do que a ninguém.

Aqui temos um gracioso grupo de garotas, que estão com umas graciosas «toilettes». A que está sentada tem um «short» em linho côr de tijolo com uma guarnição em branco, encrustada que representa um barco.

A pequenita em pé que representa uns doze anos, tem uma ampla saia em flanela cinzenta, abotoada sôbre uma blusa de «piqué» em xadrez branco e vermelho. A pequenita ao lado, em pé, tem uma saia calção em «jersey» vermelho e um «pull-over» em lã branca. A que está sentada no chão, tem vestido um «pull-over» em lã vermelha. A' direita para uma menina de dez anos um vestido em «toile» em xadrez branco, azul e vermelho, com uma gola em «piqué» branco e cinto de verniz encarnado, na cabeça chapelinho de palha com fita vermelha.

Debaixo dêstes vestidos as pequenitas têm os seus «maillots», mas os médicos recomendam que não estejam mais de uma hora em «maillot», pois atribue-se ao excesso de nudez na praça, algumas epidemias infantis, que se deram nas praias de todo o mundo.

O chapéu tem sido quási abolido a não ser o grande chapéu de palha que tira o sol, e evita as insolações e o descoloramento do cabelo pela luz excessiva e o ar marítimo, mas lembremo-nos que nas termas elegantes o chapéu tem o seu lugar marcado em algumas horas e cerimónias, e, não esqueçamos, que há ainda senhoras que não são partidárias de andar em cabelo, o que tanto se está adoptando.

Para essas aqui temos um simples e elegantíssimo «canotier» em palha branca guarnecido com um pássaro preto e outro branco uma fita em veludo branco completa a guarnição, dêste lindo chapéu dum requintado gôsto.

Tratemos agora um pouco das «toilettes» de noite que marcarão a elegância nos Casinos, que dão a nota do «chic». Vestido em «crêpe marrocain» grosso fundo côr de marfim e impresso em largas flores de côres variadas e vibrantes. O corpo é completamente moldado, numa forma envolvente que termina por uma elegante laçada na frente sôbre a saia; muito a recomendar às senhoras da escultural elegância.

Três lindas «toilettes» para a noite, a primeira da esquerda em veludo geramim da mais linda côr e feita tôda em franzidas, com umas mangas e decote muito originais, a do meio em riscas estreitas pretas e brancas. Originalissimo o cabeção em pregas e cortes, que rodeia o decoté assim como a disposição das riscas na saia. «Toilette» dum grande «chic».

Para menina vestido em setim branco da máxima elegância e simplicidade como o devem ser estas «toilettes».

As três formam um conjunto de elegância notável, que convida a imitar tão distintos modêlos, que só podem favorecer quem os usar.

Quanto valemos?

UMA ninharia, minhas senhoras... Embora me custe muito dizer-lhes uma triste verdade, êste corpinho que tratamos como uma preciosidade que consideramos uma maravilha, que cobrimos dos mais preciosos vestidos que adornamos com pedrarias e que supomos ser uma perfeição, vale muito pouco.

Um conhecido sábio francês, depois de muitos cálculos, estudos aturados e conscienciosos, chegou à conclusão de que o corpo do homem tem químicamente o seguinte valor:

Ferro para um prego de tamanho regular, sal para encher um saleiro de mesa, açúcar para encher um açucareiro que não seja muito grande; com o fósforo que se extrai dum corpo, fabricam-se 1200 cabecitas de fósforos, ou umas tantas mais se forem dos comuns falsificados; tem ainda o corpo magnésia que daria para uma purga, tantos albuminóides como um cento de ovos, e uns dez litros de pingue. Tudo isto bem vendido, poderia render 180 escudos!

E isto num homem normal; agora a mulher vale... ainda menos. Tem menos quantidade de tudo e valerá apenas 125 escudos; mas não nos desconsolemos; êsse valor é apenas o físico, adornemos o moral, aperfeiçoemo-lo e veremos que se chegarmos, já não digo à perfeição, mas apenas à bondade, já não haverá dinheiro que os pague.

Coisas a saber

QUANDO Xerxes rendeu a Babilónia, não matou nem cativou os que lhe resistiram, só mandou, para dêles se vingar, que não executassem mais as armas e que se ocupassem em tanger, cantar e dansar, em serem jograis e taberneiros; e com isto conseguiu que a gente daquela cidade, tam insigne no mundo, fôsse tornada em vil e fraca gente.

Temístocles costumava dizer em tom de graça: «meu filho, pode mais que qualquer outro cidadão da Grécia, porque os atenienses mandam nos demais povos gregos, eu governo os atenienses, a mãe dêle governa-me a mim e êle governa a mãe.

Filipe da Macedónia, o grande Felipe fazia-se sempre acompanhar por dois homens encarregados de lhe dizer cada manhã: Filipe lembra-te de que és homem» e à noite: «Filipe vê bem se hoje viveste como homem».

A ciência está de luto

COM a morte de Marconi ficou de luto a ciência e ficou de luto a Itália. O desaparecimento dum homem como Guglielmo Marconi é um acontecimento mundial, é uma tristeza para

todos os que admiram a inteligência humana quando atinge o grau de génio.

Nos países, há épocas predestinadas para grandes coisas e a Itália está atravessando um dêsses momentos históricos. Deus, que tudo destina, fez nascer no mesmo país Marconi e Mussolini. Quando Marconi nasceu em Bolonha em 1874 já estava destinado a revolucionar a ciência com as suas descobertas.

A elétricidade ia ser aperfeiçoada aproveitada para estabelecer as mais fáceis relações universais, Marconi pôz em contacto o mundo inteiro. Um facto passado nos mais longinquos países, torna-se imediatamente conhecido de todo o mundo. Todos o conhecem ao mesmo tempo, a distância foi suprimida, a navegação tem as maiores facilidades, a vida está facilitada.

Mas na Itália nasceu também Mussolini e com a sua poderosa inteligência resolveu o ressurgimento da pátria e com a sua fôrça de vontade conseguiu como o vêem todos os que visitam a Itália e como o sentem todos os que se interessam pela política internacional.

A Itália é hoje uma grande potência europeia, que peza na história política.

Marconi sábio e patriota léga à Itália grandes segredos científicos, que a tornam poderosissima. Desapareceu um sábio mundial e desapareceu um grande patriota. Os crepes que envolvem a Itália estendem-se a todo o mundo, mas a sua obra admirável fica e perdurará sempre engrandecendo o seu nome e levantando o seu país às maiores alturas.

Quando Mussolini assumiu o poder, tinha Marconi realisado todos os seus inventos e pôde depôr nas mãos do Duce, do chefe forte e energico, armas, que tornaram o seu país fortissimo.

A morte de Marconi não póde passar despercebida a ninguém, a morte de Marconi é um desgosto universal, e quem se interessa por êsse grande, êsse lindo país que é a Itália, pátria da Arte e berço de grandes homens não póde deixar de sentir o desgosto profundo, que atinge a ciência e que enluta dolorosamente a Itália, país tão semelhante em clima e vida ao nosso, que ali nos parece estar numa continuação da pátria.

Higiene e beleza

OS dentes são uma das maiores belezas da mulher e pode dizer-se que com uma bonita bôca e uns lindos dentes, não há mulher que seja feia.

Mas os dentes e a higiene da bôca requerem os maiores cuidados e todo o asseio é pouco.

Deve usar-se uma escôva ríja, mas pequena para que possa entrar bem na bôca e lavar todos os dentes e recantos que a sua forma às vezes irregular ocasiona.

Para branquear os dentes nada há de melhor que água oxigenada e carbonato de cal em pó. Molha-se a escôva em água oxigenada e em seguida no carbonato de cal.

Como elixir temos uma receita para fazer em casa que dá o melhor resultado.

Girofié 120 gramas, canela 120 gramas, sementes de angélica 120 gramas, aniz 60 gramas, badiana 60 gramas, essência de hortelã pimenta 20 gramas, essência de aniz 20 gramas, essência de girofié 8 gramas, espírito de vinho 6 litros e água destilada de rosas 2 litros. Deixa-se macerar durante três meses.

Os dentes devem ser lavados depois das refeições principais e à noite e de manhã. Tendo cuidado com êles conserva-se até tarde uma linda dentadura.

A ARTE DO PENTEADO

A vaidade da mulher, que quando não é excessiva, não é um defeito capital, porque nela é bem natural o desejo de parecer bem, do momento, que êsse desejo não atinja a grande monomania, que torna insuportáveis algumas mulheres, leva-a a tratar com desvelado cuidado o cabelo.

Na verdade o cabelo é um dos mais belos ornamentos da mulher. Uma cabeleira farta, anelada, foi sempre muito apreciada. Antigamente quanto mais comprido era o cabelo e mais forte, mais belo se considerava. E senhoras havia que embora de elevada estatura, pisavam as suas tranças, quando recuavam e ao enrola-las sofriam com o pêso excessivo que tinham de carregar à cabeça, pêso que chegava a ocasionar dores de cabeça às que possuiam êsse dom de beleza e que preferiam sofrer as dores a desbastar um pouco essa frondosa cabeleira, pois seria atentar contra a beleza.

Mas os tempos mudaram e a moda tudo modifica, surgiu a moda do cabelo cortado e pouco a pouco as senhoras foram cortando os cabelos, um pouco a medo ao princípio, era um acto de ousadia fazê-lo, era quási como que uma declaração de independência o cortar o cabelo, surgiu o penteado à Ninon, mas quem o usasse era considerada uma feminista, uma revolucionária.

A moda porém impõe-se e ainda que com a maior oposição dos maridos e dos irmãos, que consideravam uma rebeldia feminina, o corte dos cabelos continuou, a mulher não desfraldou a bandeira da revolta, mas meteu a tesoira à cabeleira e começou a devastação dos cabelos, não bastava o cabelo à Ninon, era pouco agressivo, não demonstrava bem a guerra que declarava à opinião masculina, afrontando-a, e, surgiram as primeiras cabeças, «à Garçonne», um desastre, as lindas cabeleiras caiam, trucidadas com alegria pelos cabeleireiros, que enfileiraram imediatamente ao lado da mulher.

Este apoio do cabeleireiro e incitamento à destruição dos lindos cabelos femininos, era apenas ditado pelo interêsse pessoal e pelo desejo de ganhar dinheiro, desejo tão forte, que as levou a destruir cabeleiras, que eram maravilhas e houve uma época, em que na plateia dum teatro, difícil era distinguir as cabeças femininas das masculinas e, temos de confessar que a mulher perdeu muito do seu encanto nessa época.

Masculinizada pela cabeleira começou a vestir demasiado «à Garçonne» a tomar atitudes que a não diferençavam do homem, a fumar e a usar bengala. Influência da falta de cabelo, que impressionava de maneira sensível o organismo nervoso da mulher.

Foi uma época que marcará para sempre, como

feia, nos anais da moda. Mas a mulher que em tudo é volúvel, não usa muito tempo a mesma moda e começou a ver que a sua beleza com a cabeleira mutilada com tal ferocidade, perdia cinquenta por cento do seu encanto.

E o bom senso feminino, que passa por cima de muita coisa, mas nunca porque lhe deminuam a beleza, aspiração máxima, revoltou-se, protestou e os cabelos começaram a crescer um pouco mais, apareceram os primeiros caracois e as primeiras cabeças à pagem. Um verdadeiro sucesso e os cabeleireiros que tinham tido um profundo pânico ao constatar a nova tendência feminina, que lhes fazia perder a maior clientela que tinham, inventaram a ondulação permanente, nova fonte de avultadas e chorudas receitas.

Como o cabelo cresce, a permanência não pode nunca ir além dum ano e o que se gasta em ondulação, compensa o que se gastava em cortes de cabelo.

A classe estava salva e a vaidade feminina faria o resto, pondo à prova a sua habilidade e exigindo, que lhe fizessem penteados extravagantes, que demandam mão hábil e paciência inexgotável.

Quando em 1931 começaram, em Paris, a aparecer os primeiros caracois, tímido esbôço de um passo atrás, as inúmeras estrangeiras que nesse ano visitaram a Cidade Luz, para ver essa esplêndida manifestação de beleza que foi a Exposição Colonial, invadiram os cabeleireiros parisienses exigindo que lhes cobrissem a nuca de pequeninos e graciosos caracois, que lhes dessem êsse ar de bébé delicioso que tinham as lindas parisienses, que ostentavam as graciosas cabeças que em aneis côr de ouro nos variavam da feia e implacável nuca rapada.

Mas quantos desgostos não houve, quando os hábeis artistas, diziam que nada poderiam fazer de cabelos, que não tinham um centímetro; e, que era forçoso esperar que êsses cabelos crescessem para os encaracolar da mais graciosa forma.

Quem espera sempre alcança e as cabeleiras encaracoladas tornaram-se multidão. A mulher reconheceu, que o cabelo seu grande ornamento lhe fazia a maior falta e que tudo perdia com a cabeça rapada.

E o que é interessante é notar a influência que tem na moda o penteado, a mulher que ao ver-se de cabelo quási cortado à escovinha, tinha adoptado um vestuário masculino, ao ver a sua nuca enfeitada de graciosos caracolinhos e a sua cabeça guarnecida de onduladas madeixas, começou a moldar o seu corpo em vestidos femininos que mostram as suas belas formas, a usar guarnições delicadas de rendas e cambraias, a usar saias com roda e à noite, a arrastar caudas, que lhe prolongam a elegância da silhueta, e a tornam graciosamente feminina e um tudo nada felina.

Para quem observa a humanidade descendo ao mais profundo das coisas encontra interessantes explicações de pequeninas coisas em faltas que parecem nada ter com elas.

O comprimento dos cabelos tem uma grande influência na psicologia feminina e é um facto que a mulher de tranças compridas, não pensa como a mulher de cabelo cortado. E eis aqui a explicação de muitas modificações, que encontramos nalgumas pessôas é que se nos apresentavam difíceis de explicar.

A influência do cabelo é enorme. Qual a razão? Mistérios de fisiologia tão ligadas à psicologia que só um sábio num tratado severo poderia explicar e nunca uma ignorante num ligeiro artigo de revista sem pretensões nenhumas.

Voltando à vaidade feminina e à sua cabeleira temos de confirmar que o cabeleireiro mais do que nunca firmou a sua estável posição na sociedade e que se era muito necessário para cortar cabelos «à garçonne», é indispensável para fazer ondulações, dispôr ondas e entrançar cabelos nas mais variadas maneiras.

Logo que os cabelos crescem os penteados complicam-se e o cabeleireiro das raínhas da moda tem hoje tanto que fazer como monsieur Leroy, o célebre cabeleireiro de Maria Antonieta, criador de famosos edifícios, a que se prestavam os loiros longos e lindos cabelos da formosa raínha e infeliz mulher.

No século dezoito os penteados fôram o tormento e a glória da mulher, pesados a ponto de causar desmaios, êles tinham de tudo, fitas, e até caravelas.

Actualmente os penteados exigem também uma arte muito especial e que só os grandes mestres atingem. As «boucles plates», as ondulações, mil pequenos pormenores que só mão de mestre sabe e pode resolver.

Em Hollywood centro de beleza e de elegâncias marca uma cabeleireira, Maria Brassella, de origem italiana que é mestra na arte de pentear as lindas estrelas. A gravura que damos representa-a executando uma sua creação para Madge Evans a cintilante estrela da Metro Galdwyn Mayer, que é uma das mais marcantes elegâncias da cidade do cinema, e, uma das mais lindas mulheres.

E na verdade aqui está uma profissão perfeitamente adequada à mulher; o ser cabeleireira. Já por todo o mundo há cabeleireiras, mas sempre os azes são homens e não encontro explicação a este facto, pois que a profissão de cabeleireiro é muito mais adequada à mulher.

Lidar com cabelos, shampooing, ferros de frisar, perfumes, pó, está muito mais no carácter feminino e se em todos os cabeleireiros há meninas, que exercem essa profissão, é comtudo sempre debaixo da direcção masculina.

Maria Brassella, como algumas outras cabeleireiras que há no mundo são excepções que confirmam a regra. Os grandes cabeleireiros são sempre homens, que inventam essas pequenas ninharias que embelezam a mulher.

Talvez porque o homem sabe ver melhor o penteado que embeleza a mulher e nêle haverá o sentido artista de fazer realçar e aperfeiçoar uma beleza, sem que o sentido do amor próprio feminino se sinta picado de ver mais bela outra mulher. Mas seja qual fôr o motivo, o facto é que o cabeleireiro tem na arte do penteado o seu lugar marcado, e, que a mulher moderna com a sua cabecinha coroada de «boucles plates», ou a sua nuca guarnecida de caracois precisa do artista, que a torna mais mais bela e mais elegante, e, a variedade dos penteados, a graça das ondulações, a simplicidade das tranças, são factores de beleza, de encanto e de feminilidade, que demonstram que a Arte do penteado é tão necessária como tôdas as artes, que embelezam a vida humana.

Os cabelos voltarão a crescer, e, séculos volvidos, serão cortados novamente.

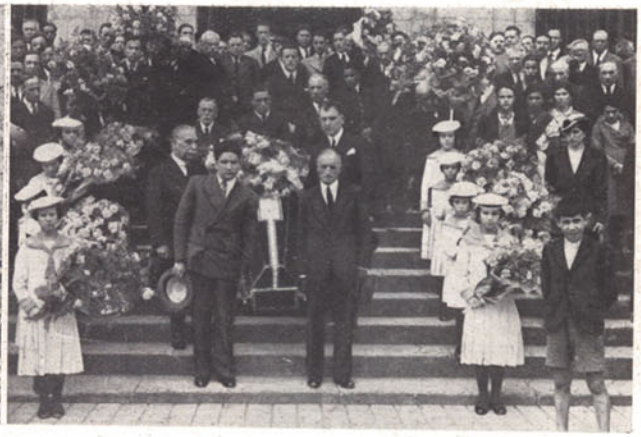
Se contemplarmos alguns dos vasos que nos dão notícias da antiquíssima civilização grega, encontraremos nêles figuras de mulher com os cabelos cortados. Bem dizia Salomão que «nada de novo existe debaixo do sol!»

MARIA DE EÇA.

ACTUALIDADES DA QUINZENA

Um aspecto do comício anti-comunista realizado no Estoril, no largo fronteiro á estação do caminho de ferro, onde foi erguida uma tribuna englanada com as côres nacionais. Muitas centenas de habitantes do concelho de Cascais, repudiando indignadamente o comunismo, aclamaram entusiasticamente Portugal e Salazar

O novo ministro dos Estados Unidos da América, sr. Herbert Claribone Pell, fez entrega das suas credenciais ao sr. Presidente da República. A gravura acima mostra o ilustre diplomata á saída do palácio de Belem. — A' direita: Um aspecto do cortejo bracarense em frente da Camara Municipal da Póvoa de Varzim. Braga visitou a Póvoa num simpático impulso de confraternização admirável



Um aspecto do ataque ao incendio que se deu num depósito de papel da rua da Fábrica da Polvora, a Alcantara, em que os bombeiros, verdadeiros domadores de chamas, conseguiram evitar uma catástrofe. — A' direita: O funeral do prof. Gonçalo Sampaio, no Porto, e que constituiu uma imponente manifestação de pesar e de homenagem póstuma ao eminente cientista de renome internacional

VIDA ELEGANTE

Casamento da sr.ª D. Maria de La Salette Girão, com o sr. Miguel Mourão Ribeiro, realizado na igreja matriz de Montemor-o Novo. Os noivos depois da cerimónia, com os caudatários

Festas de Caridade

«Mímica e Dança

Da comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, que levou a efeito no «São Luís Cine» a festa de caridade, em que foram interpretadas por um brilhante grupo de amadores, uma mímica original do brilhante dramaturgo sr. Carlos Selvagem, e vários bailados, cujo produto se destinava a favor da Assistência Paroquial a bem dos pobres da freguesia de Santos-o Velho, recebemos com o pedido de publicação as contas da mesma festa:

Receita — 17.446$50. *Despesa* — 5.263$70. *Produto líquido* — 12.182$80.

Casamentos

Em Montemor-o Novo, presidido pelo reverendo Alfredo de Oliveira, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, celebrou-se na igreja matriz, o casamento da sr.ª D. Maria de La Salete Girão, gentil filha da sr.ª D. Josefa Rosa Girão e do sr. António dos Santos Girão, com o sr. Miguel Mourão Ribeiro, filho da sr.ª D. Conceição Mourão Ribeiro, tendo servido de padrinhos por parte da noiva a sr.ª D. Maria José de Barros e o sr. Domingos Alfredo de Barros, e por parte do noivo a sr.ª D. Raimunda Ibañez Escudero e o sr. José Sabino Fontes.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos padrinhos da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Pela sr.ª D. Ermelinda de Sousa Quintão, espôsa do nosso querido amigo sr. José António Pereira, foi pedida em casamento para seu filho Fernando, a sr.ª D. Maria José de Carvalho Acabado, interessante filha da sr.ª D. Angélica de Carvalho Acabado e do sr. António Marciano Acabado, digníssimo chefe de repartição da Direcção Geral das Alfândegas, devendo a cerimónia realizar-se no princípio do próximo ano.

— Na capela do Palácio dos srs. Condes de Valenças, celebrou-se o casamento de sua gentil filha D. Maria Izabel, com o sr. João de Sampaio e Castro Cunha da Silveira, filho da sr ª D. Francisca Duarte de Castro Cunha da Silveira, e do sr. dr. Cunha da Silveira, já falecido, servindo de madrinhas a sr.ª Condessa de Nova Goa, tia da noiva e a mãi do noivo e de padrinhos os srs Luís Hintze Ribeiro Jardim e José Sampaio e Castro Cunha da Silveira, presidindo ao acto o reverendo monsenhor Domingos Nogueira, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido no salão de mesa da elegante residência, um finíssimo lanche da pastelaria »Versailles», partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas para o Bussaco, onde foram passar a lua de mel.

— Para seu filho Francisco, foi pedida em casamento à sr.ª D. Virginia Duff Burnay, sua gentil neta sr.ª D. Maria Virginia Burnay Pinto, interessante filha da sr.ª D. Maria Virgínia Burnay Pinto e do sr. António Vieira Pinto, já falecidos, pela sr.ª D. Fernanda de Almeida d'Orey, espôsa do sr. José Manuel de Albuquerque d'Orey, devendo a cerimónia realizar-se ainda êste ano.

— Celebrou-se na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª D. Maria Rosa Henriques Leal, gentil filha da sr.ª D. Ermelinda Henriques Leal e do sr Sebastião Meneses Leal, já falecidos, com o sr. Carlos Augusto Antunes, filho da sr.ª D. Maria José Xavier e do sr. Augusto Silvério Antunes, já falecidos, tendo servido de madrinhas as sr.ªs D. Antónia Franco Santos Varonga e D. Maria José Reis Antunes e de padrinhos os srs. Henrique Varonga e Henrique Antunes.

Acabada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», na elegante residência dos noivos, seguindo êstes a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Com muita intimidade, celebrou-se na capela do palácio da Nunciatura, o casamento da sr.ª D. Lia de Sá Coutinho Marques Ribeiro, interessante filha da sr.ª D. Branca de Sá Coutinho Marques Ribeiro e do sr. Francisco Marques Ribeiro, com o distinto engenheiro sr. dr. Alberto Saraiva de Sousa, filho da sr.ª D. Maria Alexandrina Xavier da Cunha Saraiva de Sousa e do sr. dr. Jerónimo Rodrigues de Sousa, servindo de madrinhas a mãi da noiva e a sr.ª D. Alcinda Borges da Fonseca, e de padrinhos o pai e o tio do noivo sr. dr. Alberto da Rocha Saraiva.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem fôram oferecidas grande número de valiosas prendas, de automóvel para o norte do país, onde foram passar a lua de mel.

— Presidido pelo reverendo Gameiro, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, celebrou-se na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª D. Maria de Lourdo Nascimento Catela do Vale Teixeira, interessante filha da sr.ª D. Beatriz Catela do Vale Teixeira e do capitão sr. José Ernesto Catela do Vale Teixeira, com o alferes sr. Luís Couceiro Leitão, filho da sr.ª D. Elisa Sequeiro Manso Couceiro Leitão e do sr. dr. Paulino Couceiro Leitão tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles» partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas para o sul do país, onde foram passar a lua de mel.

— Com grande solenidade realizou-se o casamento da sr.ª D. Elisa dos Santos Moreira, gentil filha da sr.ª D. Isaura dos Santos Moreira e do sr. Alfredo Moreira Carpinteiro, com o sr. Alberto Monteiro Ideas, filho da sr.ª D. Cecília de Carvalho Ideas e do sr. Manuel Lopes Ideas.

Paraninfaram a noiva a sr.ª D. Gracinda Piedade Baptista Esteves dos Santos e o sr. Raul Esteves dos Santos, director da «Revista Portuguesa de Comunicações», e o noivo sua mãi, a sr.ª D. Cecília de Carvalho Ideas e o sr. António Sobral.

— Celebrou-se na paroquial de Santa Isabel, o casamento da sr.ª D. Libia Neves de Almeida, interessante filha da sr.ª D. Joana Tristão de Almeida, e do sr. Eduardo Neves de Almeida, já falecido, com o sr. Luís João Gonzaga Viegas, filho da sr.ª D. Maria Carolina Gonzaga Viegas, e do sr. José Maria da Silva Viegas, tendo servido de madrinhas as sr.ªs D. Marina Castro de Almeida e D. Lizarda Viegas Fernandes e de padrinhos os srs. Leopoldo de Almeida e Casimiro Fernandes.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, partindo os noivos a quem fôram oferecidas grande número de valiosas prendas, para o norte do país, onde fôram passar a lua de mel, seguindo depois para Lourenço Marques, onde fixaram residência.

— Está justo oficialmente o casamento da sr.ª D. Maria Manuela do Vale Monteiro de Araujo, interessante filha da sr.ª D. Júlia Maria do Vale Monteiro de Araujo e do sr. João Maria de Araujo (Paiva Manso), e neto do falecido comandante sr. Ernesto Vale.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso na Casa de Saúde de Bemfica, a sr.ª D. Alda Denís de Melo Rêgo Calheiros, esposa do sr. Dr. Francisco Calheiros, assistida pelo ilustre professor sr. Dr. Moreira Júnior. Mãe e filha estão felizmente bem.

— A sr.ª D. Carlota Maria Freire Cosme, espôsa do distinto comandante sr. José Rodrigues Cosme, teve o seu bom sucesso na Venerável Ordem Terceira de S. Francisco da Cidade, assistida pelo distinto cirurgião sr. Dr. João de Morais Sarmento. Mãe e filho, encontram se felizmente bem.

Baptisados

Celebrou-se na paroquial dos Santos Reis, ao Campo 28 de Maio, o baptisado da menina Maria Tereza, gentil filhinha da sr.ª D. Maria Eugénia Méra de Pinto Magalhães Martinha, e do sr. dr. António Martinha, presidente da Câmara Municipal de Mafra e administrador do concelho, tendo servido de madrinha a sr.ª D. Maria Guadalupe Fernandez Velasco y Méra e de padrinho o sr. D. David Benito Garcia.

— Na paroquial de S. Sebastião da Pedreira celebrou-se o baptisado do menino Carlos José, interessante filhinho da sr.ª D. Maria da Soledade Veiga Ventura de Campos de Andrade, e do tenente de artilharia sr. Carlos Vidal de Campos de Andrade, tendo servido de madrinha sua tia a sr.ª D. Maria Lídia da Veiga Ventura, e de padrinho seu tio o sr. António Pedro de Herédia da Veiga Ventura.

D. Nuno.

Casamento da sr.ª D. Elisa dos Santos Moreira com o sr. Alberto Monteiro Ideas. Os noivos à porta da sua residência

FIGURAS E FACTOS

Homenagem prestada pela direcção do Sindicato Nacional dos Motoristas do Distrito de Lisboa ao corredor brasileiro Benedito Lopes que veio expressamente a Portugal tomar parte no circuito automobilista de Vila Real. Foi-lhe oferecido um Porto de Honra, tendo pronunciado afectuosos brindes os srs. Francisco Marques, presidente do Sindicato; dr. César Rebelo, Campos Júnior outros convivas, sendo erguidos entusiásticos vivas a Portugal e ao Brasil

O Professor J. L. Magness, reitor da Universidade Jerusalem, escritor de renome mundial e conferentista notabilíssimo que visitará brevemente Lisboa e algumas das principais cidades portuguesas

O sr. Presidente da República com os ministros da Educação Nacional, Comércio e Indústria e Agricultura no «Miradouro Salazar» inaugurado na Tapada da Ajuda. — *A' direita:* — O acto de posse do novo presidente do Tribunal de Contas, sr. dr. Domingos Moreira. Depois de o sr. dr. António Luís Gomes, secretário geral do Ministério, ter lido o respectivo auto, usou da palavra o sr. dr. Costa Leite (Lumbrales), sub-secretário de Estado que declarou ter o maior prazer em empossar o dr. Domingos Moreira no alto cargo para que foi escolhido

Na Praia do Estoril realizou-se o «Concurso de Construções na Areia», sendo escolhido o amplo recinto do «Dolphin's Club» que se encheu por completo com uma multidão de crianças concorrentes. Encantava êsse local cheio de ruído e animação e de alegria. Tôdas as crianças, nos seus *maillots* de banho procederam às suas construções com um grande à vontade, dando largas à sua inventiva. As gravuras acima dão dois aspectos dêsse interessante concurso

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — — — —
Copas — R. 8, 7
Ouros — A. D. 3
Paus — 3

Espadas — 10	N	Espadas — D. 9
Copas — A. D. 3	O E	Copas — V. 9
Ouros — R. 8, 4		Ouros — V. 7, 5
Paus — — — —	S	Paus — — — —

Espadas — 8, 7
Copas — — —
Ouros — 10, 9, 2
Paus — 4, 2

Trunfo é paus. *S* joga e faz 6 vazas.

Solução

S joga 2 de paus enforquilhando o Valete e 5 de *O*. *N* faz Rei de paus e 9 de paus baldando-se *S* ao Az de espadas *N* faz 10 de espadas que *S* corta com 5 de copas, jogando 3 de ouros para enforquilhar os ouros de *O*.

N faz o 8 de ouros e joga o Valete de ouros e depois espadas, fazendo *S* os dois trunfos.

Formidáveis sécas

Sabe-se que existe, na América do Sul, especialmente no Perú, uma zona onde não chove quási nunca. Um ou dois aguaceiros, talvez, muito de longe em longe. As terras estão ressequidas e os arbustos queimados. Mas nessa zona há ainda uma região onde a chuva se torna uma curiosidade. Por exemplo, na cidade de Payta, que fica na latitude de 5 graus ao sul do Equador, não cai uma gôta de água durante anos. O intervalo médio entre dois aguaceiros deve ser ali duns sete anos! Sete anos sem chuva.

As sementes esperam assim anos inteiros por uma pancada de água benéfica, sem poderem germinar. Crescem durante algumas semanas e morrem em seguida. Nota se todavia, na região, uma árvore de algodão, de extensas raízes que pode viver sete anos no leito sêco dos rios. Afirma-se, também, que desde alguns séculos, essa região do Perú tende a elevar-se constantemente; o litoral parece estar hoje elevado mais 13 metros do que antigamente.

Falando-se, um dia, diante de Milton, acêrca dos direitos dos príncipes herdeiros que poderiam herdar a corôa aos catorze anos, ao passo que só aos dezoito podiam casar, o cantor do *Paraíso perdido* declarou estar isso absolutamente certo.

— E porquê?

— Porque — respondeu o poeta — é mais fácil governar um reino do que uma mulher.

Plantas que comem insectos

Há muitas plantas que vivem tanto de insectos como do alimento que extráem da terra e sabem armar-lhes o laço tão inteligentemennte como qualquer aranha. Ainda recentemente se puderam ver spécimens destas plantas na exposição de flores da Real Sociedade de Horticultura, em Londres. Cada fôlha tem, na ponta, uma gavinha que se curva para baixo formando um recipiente largo e de côres vivas.

Atraídos pelo mel que ali se contém, os insectos vão-se arrastando até às bordas dêsse recipiente e, uma vez ali, já não podem fugir, porque aquelas são perfeitamente lisas e a vítima escorrega por elas até ao fundo, onde se afoga no líquido, contribuindo assim com o seu corpo para alimentação da extranha planta. Esta, embora tenha o seu nome científico, é vulgarmente conhecida pela planta-cântaro. Cresce junto dos pântanos e dos lagos das florestas de países tropicais como Bornéo e Nova-Guiné.

Quadro mágico

(Solução)

27	18	17	20	19	10
23	25	5	32	12	14
1	15	30	7	22	36
3	6	28	9	31	34
24	21	29	8	16	13
33	26	2	35	11	4

As mulheres e o tabaco

Agora que está tanto em moda as senhoras fumarem, especialmente na Inglaterra, vem a propósito referir o que conta o escritor inglês Remy Well no seu livro «Curiosidades históricas».

Diz êle que a primeira mulher cristã que fez uso do tabaco foi a rainha Ana Bolena durante o tempo de cativeiro que lhe precedeu a execução capital. Henrique VIII concedeu-lhe essa regalia. John Selt, que viajára pela Turquia e lá encontrára o vício excitante do tabaco, entorpecedor da sensibilidade, recomendou-o como lenitivo à triste condenada que assim suavisou um pouco os ultimos dias da sua vida.

O que não se sabe é se foi fumando-o ou cheirando-o em forma de rapé como ainda em fins do século passado usavam nossas avós, mas é mais provável que fôsse desta maneira.

Tendo Miguel Angelo concluido o seu famoso quadro *Juizo final* na Capela Sixtina, houve quem lhe afirmasse que o papa, não tendo ficado satisfeito, manifestara o desejo de velar a nudez de algumas figuras que a grandiosa tela apresenta.

Ontem como hoje a intriga fervilhava...

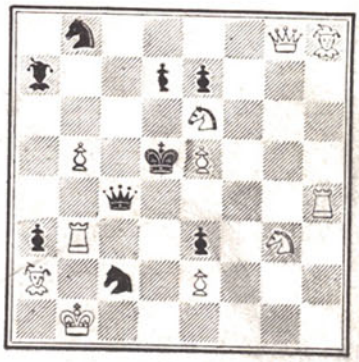
O excelso pintor, ao aperceber-se da malevolencia dos alviçareiros, limitou se a responder-lhes:

— Dizei ao papa que não se inquiete tanto em corrigir a nudez da pintura, que é fácil, que prefira reformar os costumes dos homens, o que é bem mais difícil.

Xadrez

(Problema por Seib

Brancas: 11 Pretas: 9



Jogam as brancas e dão mate em dois lances.

O dr. Mouriquant tem evidenciado em conferências e por escrito a influência decisiva das variações atmosféricas e do clima em geral sôbre o homem, na produção, tratamento e cura de certas enfermidades, especialmente sôbre as crianças (por serem mais sensiveis) no que se refere à sua nutrição e desenvolvimento. As variações de temperatura, de pressão, de humidade têm uma influência incontestável sôbre os organismos. O mesmo acontece quanto à electricidade atmosférica, ao magnetismo e a certas radiações.

Quer nos lagos dos jardins, quer nos aquários próprios para interiores, há quem goste de reünir peixes de diversas espécies, como, por exemplo, os vermelhos, os de cauda de leque, as carpas, as enguias, etc., o que é um grande êrro.

A maior parte das espécies são insociáveis e combativas, ou por índole ou pelo instinto de defeza da sua progenitura.

As enguias então, exterminam tôdas as crias nos lagos.

Deve também fazer-se um exame sanitário, o mais cuidadoso possivel, quando se introduzem peixes estranhos nos aquários, pois podem levar doenças contagiosas.

Marido (com diplomacia): Então, que queres, não posso deixar de olhar para ela. É exactamente a tua figurinha quando eras rapariga!

(Do *Tit-Bits.*)

À venda

AQUILINO RIBEIRO

O GALANTE SÉCULO XVIII

Textos do CAVALEIRO DE OLIVEIRA

1 volume de 324 págs., broc. . . **12$00**

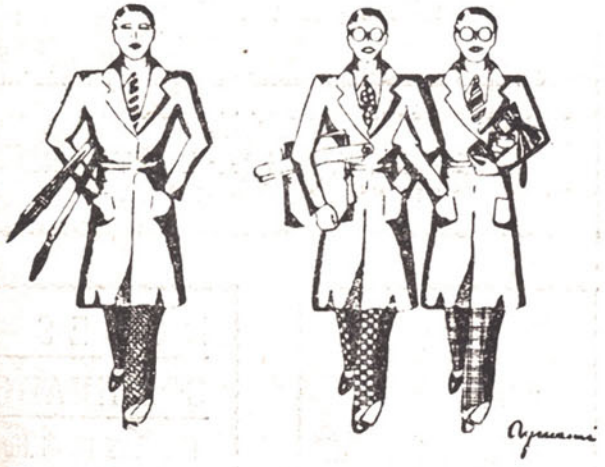
Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE 21308

BERTRAND IRMÃOS, L.DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Pulverise **FLIT** *o inimigo implacavel dos insectos*

Contem ingredientes que não se encontram em qualquer outro insecticida!

Flit vende-se em 90 paizes, prova da sua eficacia na destruição dos insectos. Acautele-se contra productos mascarados de Flit. As latas de Flit só se vendem seladas para evitar fraudes. **Nenhum producto vendido avulso é Flit.** Exija as famosas latas amarelas com o soldado e a lista preta, recuse os substitutos.

Espalhe PÓ FLIT nas fendas e buracos onde os insectos põem os ovos, e estes morrerão logo.

FLIT mata SEMPRE!

Á VENDA

a 3.ª edição, corrigida, de

O Romance de Amadis

reconstituido por **Afonso Lopes Vieira**

1 volume de 230 páginas, ilustrado, brochado..... **15$00**
Pelo correio, à cobrança ..... **16$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um grande sucesso de livraria

À VENDA A 8.ª EDIÇÃO

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um volume de 378 páginas, brochado, com capa a côres e oiro ..... **12$00**
Pelo correio à cobrança ..... **13$50**

Pedidos aos editores:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À venda a 3.ª edição

AVENTURA MARAVILHOSA

de D. Sebastião, Rei de Portugal,

depois da batalha com o Miramolim

ROMANCE

por **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 318 págs , com uma artística capa de Alberto de Sousa, brochado **12$00**

Pelo correio, à cobrança **14$00**

■

Edição da LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SAMUEL MAIA

Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., **17$00**; broc., **12$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND,** *73, R. Garrett, 75* — LISBOA

À venda a 9.ª edição

D. Pedro e D. Inês

"O GRANDE DESVAYRO!„

Romance por ANTERO DE FIQUEIREDO

1 vol. de 324 páginas, brochado, com capa a côres e ouro, **Esc. 12$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 14$00**

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

COLECÇÃO FAMILIAR P. B.

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluidas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interêsse, **ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma,** de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrinio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena raínha
Dívida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segredo de um berço
A vila das pombas
O calvário de uma mulher
O anjo do lar
A fôrça do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal
Ilusão perdida

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. cartonado . . . **Esc. 8$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 3.ª edição

BERNARDES

DA ANTOLOGIA PORTUGUESA

Organizada pelo Dr. **AGOSTINHO DE CAMPOS**

2 volumes de 274 págs. cada um, broc. Esc. 24$00

Pelo correio à cobrança, Esc. 27$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

ASSINATURA EXTRAORDINÁRIA

para venda dos últimos exemplares desta edição

Os três volumes da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são **um álbum e guia da literatura portuguesa** contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, **gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc.** O volume 1.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro, o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fora do texto e 2.157 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, é escrita pelas **mais eminentes figuras da especialidade,** nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sôbre vários assuntos firmam artigos **A. Botelho da Costa Veiga, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Alfredo Pimenta, António Baião, Fidelino de Figueiredo, Gustavo de Matos Sequeira, Hernâni Cidade, Joaquim de Carvalho, José de Figueiredo, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge,** etc., etc.

Cada fascículo de 32 páginas, profusamente ilustradas,

Esc. 10$00

Aceitam-se assinaturas para todos os pontos do país

Examinem o fascículo-espécime em qualquer livraria

ou na

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett—LISBOA

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br.... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ... 1$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

Oficina de composição

IMPRENSA PORTUGAL BRASIL

Telefone: 20739

RUA DA ALEGRIA, 30

LISBOA

❁

As mais modernas instalações do país e aquelas que maior capacidade de produção possuem

❁

Secção especial de publicações ultra-rápidas

❁

Oficina de composição mecânica

É nestas oficinas que se imprimem os belos trabalhos gráficos de

Ilustração,

❁

Almanaque Bertrand

e

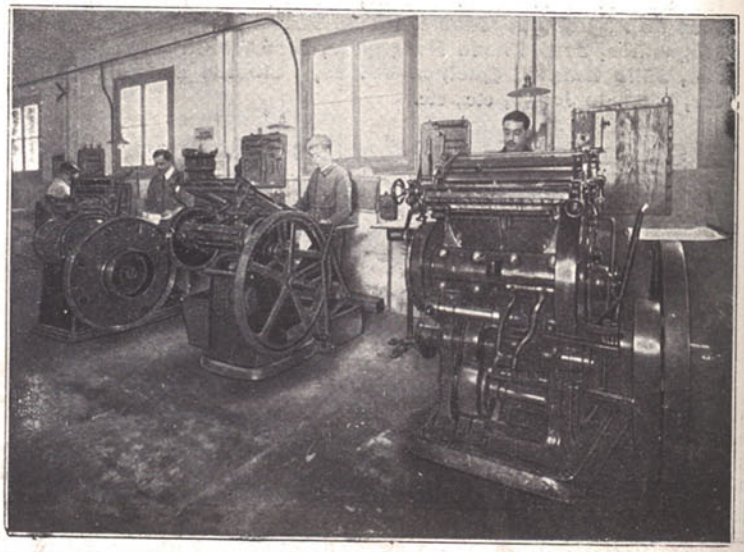
História da Literatura

LIVROS, RELATÓRIOS. ETC.

TRABALHOS COMERCIAIS

INEXCEDÍVEL PERFEIÇÃO

ORÇAMENTOS GRÁTIS



Oficina de impressão

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade — Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica — Géneros alimentícios — Lavagens — Colas — Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais domésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação — Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas e cimentos — Socorros de urgência — Lavores e passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Tecidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . **Esc. 30$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 – LISBOA

Venda a prestações contra entrega imediata da obra.

O cliente paga a 1.ª prestação e pode levar para casa os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por uma deminuta importância

HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS

antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17 cm. × 26 cm., 18.948 págs., 6.148 grav. e mais de 50 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

Em 20 prestações mensais de Esc. 75$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500$00

COMO É O SORTEIO? Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.º prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.ª prestação, pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA